

ERMANO RODRIGUES DO NASCIMENTO

DIMITRJ ZEN

[organizadores]

FRANCISCO MARIA DE VICENZA o arquiteto italiano da Basílica da Penha



PREFÁCIO DE
PE. CARLOS FRITZEN, SJ

Ermano Rodrigues do Nascimento
Dimitrij Zen
[organizadores]

FRANCISCO MARIA DE VICENZA o arquiteto italiano da Basílica da Penha

Recife
2026



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP

Reitor – Prof. Dr. Carlos Fritzen, SJ

Vice-Reitor – Prof. Me. Antônio Tabosa Gomes, SJ

Pró-reitor Administrativo – Prof. Me. Aragon Alberto Bergonci

Pró-reitor acadêmico – Prof. Dr. Alexandre Soares Ramos

Gerente de Desenvolvimento da Graduação – Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ

Gerente de Desenvolvimento de Pesquisa e Pós-graduação - Profa. Dra. Vanessa Alexandra de Melo Pedrosa

Coordenador do IHU e Editor Chefe das Edições Humanitas – Isaías Gomes da Silva, SJ

Editores

Carlos Alberto Pinheiro Vieira

José Maria da Silva Filho

Isaías Gomes da Silva, SJ

CONSELHO EDITORIAL DA EDIÇÕES HUMANITAS

Membros Internos

Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ.

Prof. Dr. Degislano Nóbrega de Lima

Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva

Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos

Profa. Dra. Isabela Barbosa R. Barros

Prof. Dr. José Afonso Chaves

Prof. Dr. José Marcos G. de Luna

Profa. Dra. Maria do Rosário Silva

Profa. Dra. Rita Maria Gomes

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

Membros Externos

Prof Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS (Brasil)

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura – Universidade de Pernambuco (Brasil)

Prof Dr. Daniel Leonard Everett – Bentley University (EUA)

Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro – FAJE (Brasil)

Prof. Dr. José Pinheiro Pertille – UFRGS (Brasil)

Prof. Dr. Erico Andrade Marques de Oliveira – UFPE (Brasil)

Prof. Dr. Betto Leite da Silva – UFPB (Brasil)

Profa. Dra. Maria Cecília Abdo Ferez – UBA (Argentina)

Prof. Dr. Miguel Angel Rossi – Instituto Gino Germani (Argentina)

Prof. Dr. Georg Sans – Hochschule für Philosophie (Alemanha)

Secretário Executivo:: José Maria da Silva Filho

Diagramador: José Maria da Silva Filho

Capa: José Maria da Silva Filho

F818 Francisco Maria de Vicenza [recurso eletrônico] :
o arquiteto italiano da Basílica da Penha /
organizadores Ermano Rodrigues do Nascimento,
Dimitry Zen. -- Recife : Edições Humanitas, 2026.
142 p. : il.

ISBN 978-65-84348-14-1 (E-Book)

1. Basílica de Nossa Senhora da Penha (Recife, PE).
2. Capuchinhos. 3. Vicenza, Francisco Maria de, Frei.
4. Arquitetura religiosa. 5. Patrimônio Histórico.
6. Patrimônio cultural. I. Nascimento, Ermano
Rodrigues do, org. II, Zen, Dimitry, org.

CDU 271.3(81)

Luciana Vidal CRB-4/1338

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial de Edições Humanitas.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro, ou de seus capítulos, para fins comerciais. A referência às ideias e trechos deste livro deverá ser necessariamente feita com atribuição de créditos aos autores e às Edições Humanitas.

Esta obra ou os seus artigos expressam o ponto de vista dos autores e não a posição oficial das Edições Humanitas da Universidade Católica de Pernambuco

APRECIÇÃO SUMÁRIA

José Marcos Gomes de Luna¹

O texto FRANCISCO MARIA DE VICENZA: O ARQUITETO ITALIANO DA BASÍLICA DA PENHA, organizado pelos professores pesquisadores Carlos Alberto Barreto Campelo de Melo, Dimitrij Zen e Ermano Rodrigues do Nascimento é de alta relevância histórica e cultural. Ele constitui uma vigorosa pesquisa de resgate da figura do Frei Francisco Maria de Vicenza, pouco conhecido no Brasil e realça a grandeza da Basílica da Penha como patrimônio artístico e histórico. Os autores fizeram uso de significativas fontes históricas e chegaram a uma narrativa com forte base documental.

Merece destaque também a excelente contribuição que o texto traz para a história da arte. De fato, o texto põe em relevo um excelente domínio do contexto estilístico do século XIX, articulando neoclassicismo, romantismo, historicismo e ecletismo, a fim de apresentar uma leitura empolgante da Basílica da Penha no Recife como expressão de um neo renascimento de matriz paladiana. E tudo isso vem também com a riqueza de um levantamento da presença italiana

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenador da graduação em Filosofia e Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil. E-mail: marcos.luna@unicap.br

em Pernambuco com seu intercâmbio cultural mediado pela Igreja. O que faz com que o trabalho ganhe caráter fortemente transnacional e interdisciplinar.

Por conseguinte, cabe dizer que o texto é altamente recomendado por constituir uma pesquisa sólida e original. Mas também porque constitui uma vigorosa contribuição para a história da arquitetura, com acento na presença italiana no Brasil e num potencial acadêmico elevado.

PREFÁCIO

A história de uma cidade também se escreve através de seus edifícios. Igrejas, conventos, casas, praças e monumentos constituem testemunhos materiais de diferentes épocas e permitem reconhecer, na paisagem urbana, os valores, as crenças, os conhecimentos e as aspirações daqueles que nos precederam. No Recife, poucos monumentos expressam de maneira tão eloquente essa relação entre história, fé, arte e arquitetura quanto a Basílica de Nossa Senhora da Penha.

Erguida no século XIX, a Basílica é fruto de um período particularmente significativo da história religiosa e cultural de Pernambuco. Nesse contexto, a presença dos frades capuchinhos italianos adquiriu especial importância. Vindos de uma tradição religiosa profundamente ligada à missão, à educação, à assistência e à construção de espaços de culto, esses religiosos participaram de maneira ativa da vida social e cultural da província, deixando marcas que permanecem até os nossos dias.

É nesse universo que se insere a figura de Frei Francisco Maria de Vicenza, religioso capuchinho italiano a quem a tradição histórica atribui papel fundamental na concepção arquitetônica da Basílica da Penha.

Conhecer sua trajetória significa ir além de uma simples biografia. Significa compreender um processo histórico

mais amplo, marcado pela circulação de pessoas, conhecimentos, técnicas e referências artísticas entre a Europa e o Brasil. Frei Francisco trouxe consigo a experiência de uma cultura arquitetônica profundamente marcada pela tradição italiana e encontrou, no Recife, uma sociedade em transformação, na qual a religião continuava ocupando lugar importante na organização da vida coletiva.

A construção da Penha deve, portanto, ser compreendida como resultado de um encontro cultural. As referências europeias não foram simplesmente transplantadas para o Brasil. Foram reinterpretadas em um novo ambiente, submetidas às condições locais e incorporadas a uma tradição religiosa e artística já existente em Pernambuco.

Essa perspectiva torna ainda mais significativa a procedência de Frei Francisco. Originário de Vicenza, cidade italiana cuja história está intimamente associada à grande arquitetura renascentista e, especialmente, à obra de Andrea Palladio, o frade pertencia a um universo cultural no qual arquitetura, proporção, harmonia e beleza possuíam uma longa tradição. Sua atuação no Recife permite perceber como saberes adquiridos em outro continente puderam encontrar novas possibilidades de expressão em terras brasileiras.

A Basílica da Penha é, assim, mais do que um monumento arquitetônico. É também um documento histórico.

Suas linhas arquitetônicas, suas proporções, seus ele-

mentos decorativos e sua monumentalidade testemunham escolhas estéticas e religiosas próprias de seu tempo. Mas a construção de um templo dessa dimensão não pode ser atribuída apenas ao talento de um arquiteto ou à iniciativa de uma comunidade religiosa. Por trás da obra encontram-se religiosos, artistas, artesãos, trabalhadores, benfeitores e fiéis. Há uma verdadeira comunidade de pessoas cuja participação tornou possível aquilo que hoje contemplamos como patrimônio.

É justamente por isso que recuperar a história de Frei Francisco Maria de Vicenza possui significado especial. Ao fazê-lo, este livro resgata não apenas o nome de um personagem, mas também uma parte da memória coletiva relacionada à construção da Basílica e à presença capuchinha em Pernambuco.

A pesquisa histórica tem, entre suas tarefas mais nobres, a capacidade de devolver nomes e rostos àquilo que o tempo tende a transformar em anonimato. Atrás de cada monumento existem pessoas concretas, com suas escolhas, seus limites, suas convicções e seus sonhos. Conhecer essas pessoas permite olhar de maneira diferente para as obras que deixaram.

É esse exercício que estas páginas propõem.

Ao acompanhar a trajetória de Frei Francisco e o processo de construção da Basílica da Penha, o leitor é convida-

do a perceber a estreita relação entre religião, arquitetura, arte e sociedade no Pernambuco oitocentista. A história do templo insere-se em uma história maior: a da presença dos capuchinhos, das relações entre Brasil e Europa, da circulação de artistas e conhecimentos técnicos e da formação do patrimônio religioso que ainda hoje integra a identidade cultural do Recife.

Há, nesse percurso, também uma importante dimensão urbana. A Basílica foi incorporada à própria fisionomia da cidade e tornou-se referência não apenas para os fiéis, mas para todos aqueles que reconhecem no patrimônio histórico um elemento fundamental da identidade recifense. O edifício atravessou mudanças políticas, sociais e culturais e chegou ao presente como testemunho de uma época que já não existe, mas que continua a falar através de suas pedras.

Por isso, preservar a Basílica significa mais do que conservar um edifício.

Significa conservar uma memória.

E conservar uma memória exige conhecê-la.

Este livro oferece uma contribuição nesse sentido. Ao investigar a trajetória de Frei Francisco Maria de Vicenza e sua relação com a Basílica da Penha, permite que uma figura importante da história religiosa e arquitetônica de Pernambuco seja novamente colocada em evidência. Ao mesmo tempo, ajuda a compreender que o patrimônio não é cons-

tituído apenas por formas e materiais, mas também pelas histórias humanas que lhes dão sentido.

Talvez seja essa uma das maiores riquezas de uma pesquisa histórica: fazer com que aquilo que parece silêncio volte a falar.

As pedras da Penha falam de fé. Falam de trabalho. Falam de migração e de encontros culturais. Falam da presença dos capuchinhos em Pernambuco. Falam da Itália e do Brasil. Falam de um Recife que se transformava no século XIX e que, através de seus monumentos, continua a dialogar com o presente.

Entre essas vozes está a de Frei Francisco Maria de Vicenza.

Que este livro contribua para que sua memória seja conhecida e para que a Basílica da Penha continue sendo reconhecida não apenas como espaço de culto, mas como um dos importantes testemunhos da história religiosa, artística e cultural de Pernambuco.

A história que aqui se recupera pertence ao passado, mas sua preservação é uma tarefa do presente e uma responsabilidade diante do futuro.

Dr. Pe. Carlos Fritzen, SJ
Reitor da Unicap

APRESENTAÇÃO

*Frei Janailson José Gomes*²

A presente obra de autoria dos renomados professores Carlos Barreto Campelo de Melo, Dimitrij Zen e Ermano Rodrigues do Nascimento traz à tona a figura do famoso arquiteto capuchinho Frei Francisco Maria de Vicenza. Esse nosso habilidoso irmão de hábito, dentre as várias obras de sua autoria, destacou-se entre nós pelo desenho arquitetônico da Basílica dedicada à Nossa Senhora da Penha, em Recife, capital do Estado de Pernambuco.

O majestoso templo, declarado Basílica em 1949 pelo Papa Pio XII, foi construído no lugar de dois outros antigos templos: o primeiro construído em 1656 no terreno doado pelo casal Melchior Álvares e Joana Bezerra e o segundo na metade do século XVIII. Estes, cada um a seu tempo, foram considerados pequenos para a quantidade de fiéis que acorria para receber a atenção pastoral dos capuchinhos. Assim em 1870 teve início a construção do atual templo, que foi concluído e inaugurado em 1882.

Frei Francisco Maria de Vicenza deixou a nós capuchinhos bem como ao Estado de Pernambuco e ao Brasil uma

² Ministro Provincial da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

grande expressão de arte, advinda de seus conhecimentos e das inspirações artísticas que o moviam. Foi um grande benfeitor de nossa terra, juntamente com outros artistas que ajudaram a embelezar todo o templo. Pode-se dizer que a Basílica da Penha é fruto da obra de muitas mãos, mas os traços principais e toda a idealização refulgem no trabalho e na dedicação do caríssimo frei arquiteto.

Parabenizamos e agradecemos aos autores dessa obra por todo o carinho e dedicação para com esse nosso confrade, contando a história da construção da nossa amada Basílica, revelando detalhes extraordinários que engrandecem nossa história e missão. Que os leitores possam encontrar nessas páginas uma fonte de conhecimentos e encantar-se com a arte de Frei Francisco que, através da excelência da beleza, nos eleva a Deus.

Paz e Bem!

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE - APRESENTANDO OS DOCUMENTOS E AS CARTAS

INTRODUÇÃO 16

INTRODUÇÃO AO ARTIGO DO JORNAL *IL BERICO* DE 1880 19

INTRODUÇÃO DO DISCURSO DE BARDI 25

INTRODUÇÃO AO DISCURSO DE NEGRIN 30

INTRODUÇÃO AO ELOGIO DE ZANELLA 40

INTRODUÇÃO AO EPISTOLÁRIO DO ANO DE 1879 DO FREI FRANCISCO MARIA DE VICENZA 62

SEGUNDA PARTE - A BASÍLICA NOSSA SENHORA DA PENHA: CONTEXTO E INCURSÕES ARQUITETÔNICAS E ARTÍSTICAS

INTRODUÇÃO 88

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTILOS DO SÉCULO XIX 89

REFERÊNCIAS	105
REFERÊNCIAS	107
ANEXO I	108
ANEXO II	117
ANEXO III	120
ANEXO IV	131
ANEXO V	133
ANEXO VI	136

PRIMEIRA PARTE

APRESENTANDO OS DOCUMENTOS E AS CARTAS





INTRODUÇÃO

Há uma explicação dos documentos durante a pesquisa, que leva em considerações as informações relativas à biografia do Frei Francisco Maria de Vicenza. Não obstante, os organizadores do presente livro basearam-se, fundamentalmente, uma tipologia específica de documentos destacando discursos e orações fúnebres, providenciadas no dia 14 de fevereiro de 1880 durante o funeral do frei arquiteto, em seu velório.

Francisco Maria de Vicenza, é um dos intelectuais cujos nomes podemos hoje encontrar nas ruas, praças e escolas nomeadas em homenagem a eles na cidade de Vicenza. Participaram ao evento, de fato, o economista e escritor naturalista Paolo Lyoi, o agrônomo Giuseppe Bardi, o arquiteto Antônio Negrin e o grande poeta Jacomo Zanella, este último escreveu para a Academia Olímpica de Vicenza onde o Frei Francisco Maria era membro honorário. Tratamos de um elogio no qual salientamos a grandeza das virtudes espirituais, cívicas e artísticas do frei arquiteto.

Os documentos relatados neste livro são inéditos. Na edição em língua portuguesa e pouco conhecidos até na Itália, foram impressos em 1880 e distribuídos em poucos exemplares, mas são de fundamental importância para compreender o respeito e a estima, poderíamos dizer, sem dúvida: o amor que a elite e o povo tem sentido, provaram para a pessoa e as obras de Francisco Maria de Vicenza, esses sentimentos foram expressos nos dois discursos proferidos por amigos como Giuseppe Bardi expert em agricultura, Antônio Negrin arquiteto como Frei Francisco Maria, mas que desenvolveu projetos e obras, principalmente, de cunho social como a construção de vilas operárias.

Porém, no elogio do Diácono Zanella, um dos maiores poetas italianos e que foi Reitor da Universidade de Pádua, podemos observar a suma da época em que foram pronunciados nesses discursos. É possível encontrar o respeito entre leigos e religiosos, o amor pela Pátria conquistada após anos de luta, a paixão pela arte e pelo trabalho, e esses valores são considerados pontos ineludíveis na vida do Frei Francisco Maria de Vicenza. Contudo, para os amigos que o acompanharam na última viagem, nos epitáfios, observamos também as extraordinárias relações entre a Itália e o Brasil no final do ano de 1800 na *laudatio funebris* de Giuseppe Bardi, famoso agrônomo e amigo do Frei Francisco Maria de Vicenza, encontramos algumas frases muito evocativas so-

bre a viagem de Cristóvão Colombo e as definições do Brasil e a velha Europa de 1880.

Por sua vez, Bardi salienta, várias vezes, seja o nome do Estado de Pernambuco, seja do Povo Pernambucano observando como o Frei Francisco Maria de Vicenza trouxe para a cidade do Recife, a partir do seu contentamento com o testemunho excepcional da fé católica, uma enorme contribuição de natureza artístico cultural e foi assim que projetou a Basílica da Penha.

Nesse contexto, os organizadores do presente livro decidiram traduzir os documentos históricos que seguem, começando por um artigo do jornal *Il Berico*, no qual encontramos a notícia da morte do Frei Francisco Maria de Vicenza e a descrição do seu funeral. Sucessivamente são apresentados o discurso de Giuseppe Bardi, o do arquiteto Antônio Negrin que contém um diálogo epistolar com o frei arquiteto e, por último, o elogio escrito pelo imortal poeta Giacomo Zanella, cuja importância para esse livro é inestimável¹.

1 Vide anexo I



INTRODUÇÃO AO ARTIGO DO JORNAL *IL BERICO* DE 1880

Neste parágrafo os organizadores do presente livro pretendem apresentar um primeiro documento concomitante ao momento da morte de Frei Francisco Maria de Vicenza. Trata-se de um artigo do jornal *Il Berico* de 14 de fevereiro de 1880, no qual apresenta informações significativas e detalhes interessantes sobre os últimos momentos da vida do frei arquiteto.

Em primeiro lugar, tem-se o relato do retorno do Frei Francisco Maria de Vicenza no Estado de Pernambuco por navio, partindo no dia 20 de janeiro do mesmo ano, chegando a França no dia 4 de fevereiro, especificamente em Bordeaux onde o sobrinho dele estava aguardando.

Em segundo, a chegada do Frei Francisco Maria na cidade de Vicenza se deparou com toda sua família que, infelizmente, o viu depois morrer.

Num terceiro momento, o artigo salienta também como no Estado de Pernambuco, o Frei Francisco Maria de

Vicenza conquistou os corações dos cidadãos do Estado e, principalmente, da cidade do Recife, graças ao seu trabalho e a sua tenacidade incansável na realização do projeto e da construção da Basílica da Penha.

Em seguida, o jornalista elenca ainda os principais participantes no funeral, salientando os nomes das autoridades de natureza política como o prefeito da cidade de Vicenza, o Conde Colleoni, como também, os colegas da área intelectual e artística, o arquiteto Antonio Negrin cuja, *laudatio Funebris*, é reportada sucessivamente no livro, finalmente, o escultor Valentino Besarel. Este último não era vicentino, porém nasceu em Belluno, e tinha colaborado com o Frei Francisco Maria de Vicenza, na criação de numerosas estátuas do claustro na Basílica da Penha, que retratam os santos Antônio e Francisco além de outras obras, seja em mármore ou em madeira.

Uma última notícia, muito importante, relatada no artigo, consiste na lista das associações profissionais que estavam presentes no enterro do Frei Francisco Maria como: arquitetos; engenheiros, especialmente, estudantes de escolas profissionais; e outras associações de artesãos. Essa informação é particularmente reveladora tendo em vista que o Frei Francisco Maria de Vicenza criou inúmeras escolas locais de artesanato, em Recife; escolas que difundiram e divulgaram os ensinamentos recebidos como herança do

nosso frei arquiteto, e que sucessivamente ajudou a construir outras igrejas no Estado de Pernambuco.



1º ARTIGO DO JORNAL “IL BERICO” DE 1880

Quando, há um mês, falamos pela primeira vez aos nossos leitores sobre o Frei Francisco Maria de Vicenza, não imaginávamos ver tão rapidamente atendidos os nossos votos. Tais desejos brotavam de nosso coração, almejando que ele recuperasse a saúde o mais depressa possível e apressasse o seu regresso à cidade de Vicenza, onde todos os seus familiares o esperavam na próxima primavera para celebrar o **jubileu** de seu ofício religioso.

Exausto pelas fadigas e pela grave doença, como se tivesse um presságio de sua futura morte, ele apressou sua vinda para o nosso meio.

Tendo partido de Pernambuco em 20 de janeiro de 1880, conseguiu chegar a Bordeaux na noite de 4 de fevereiro. Durante a viagem, o Frei Francisco Maria de Vicenza foi acompanhado pelo reverendo Frei Peregrino De Forlì, missionário capuchinho. E, no sul da França, na cidade de Bordeaux, o nosso frei arquiteto encontrou-se com seu carinhoso e muito amado sobrinho, Girolamo Dani. Os transtornos

da longa viagem e a mudança de clima agravaram sua saúde; foi graças aos cuidados assíduos e competentes de seus dois companheiros que o frei não perdeu a vida durante o último trecho marítimo da viagem entre Bordeaux e a Itália.

Chegou a Vicenza quase agonizante na terça-feira, dia dez do corrente mês, vindo a falecer cercado de pessoas queridas. Na sexta-feira, à uma hora da manhã, o Frei Francisco Maria de Vicenza adormeceu placidamente nos braços do Senhor. Quem poderia imaginar que as celebrações e festas preparadas para o retorno do ilustre arquiteto se transformariam em uma cerimônia fúnebre de despedida. Com o coração consternado por este doloroso acontecimento, lamentado por toda a população de Vicenza, devemos aceitar os desígnios do bom Deus, que concedeu o descanso eterno ao Seu servo fiel. Este, que tanto trabalhou para o Senhor, antecipa agora a alegria do jubileu eterno nas moradas celestes.

O pranto da cidade de Vicenza terá um eco doloroso que chegará ao Brasil. Em Pernambuco, o bom frei arquiteto conquistou todos os corações graças à sua santidade de vida e à sua incansável operosidade. Com seu gênio artístico, deixa um monumento imortal no Recife, cidade à qual consagrou todo o seu ser. Quanto se sofreu em Pernambuco durante sua doença! Quantas orações foram feitas por sua cura! A decisão de voltar temporariamente à terra natal

unia-se, na visão do frei, ao desejo dos fiéis pernambucanos de vê-lo retornar ao Recife para concluir a construção da Basílica da Penha. Infelizmente, esperarão por ele em vão.

Que os pernambucanos não olhem mais para o mar à espera do navio que traria o Frei Francisco Maria de Vicenza, mas levistem os olhos para o céu; pois o nosso frei arquiteto de lá sorri e nos assegura que outros continuarão sua obra imortal. A prefeitura de Vicenza decretou que seu sepultamento ocorresse no túmulo dos beneméritos da cidade.

Participaram do funeral o prefeito, Conde Colleoni; o Comendador Lioy; o Cavaleiro Arquiteto Negrin; o escultor Valentino Besarel; seu sobrinho, o Professor Girolamo Dani; e o Reverendo Frei Peregrino de Forlì – que deverá retornar sozinho ao Estado de Pernambuco.

Estiveram presentes representantes da Academia Olímpica, da associação dos engenheiros e de diversas sociedades de artesãos. Ressalta-se a importância do discurso do Arquiteto Negrin, que, além de expressar sua afeição pelo falecido, enalteceu o grande amor do frei pela arte. Por fim, propôs a vida do frei arquiteto como exemplo, tanto de integridade moral quanto de excelência intelectual, para os jovens que desejam dedicar-se ao trabalho artístico.



INTRODUÇÃO DO DISCURSO DE BARDI

Neste parágrafo os organizadores do presente livro consideramos de fundamental importância a inclusão na lista dos documentos históricos inéditos apresentados, quais artigos, discursos e elogios do testemunho de Giuseppe Barbi, amigo contemporâneo do Frei Francisco Maria de Vicenza. Esse discurso de Bardi, se destaca seja pelo respeito e a estima que tinha pelo frei arquiteto, como também, seja pela fantástica descrição que o agrônomo Bardi, autor de inúmeras publicações sobre a arquitetura vêneta, fez sobre ambiente natural do território pernambucano em 1880.

A descrição que podemos definir da visão eurocêntrica que a velha Europa, assim define Giuseppe Bardi, versus do jovem Brasil diz respeito à realidade naturalística do Estado de Pernambuco, e especificamente da cidade do Recife.

A lista das características naturais da flora e da fauna poderíamos até dizer, da vida selvagem, listada pelo agrônomo Bardi são extremamente fascinantes. Na ordem: lugar

quente como fogo, uma impenetrável selva onde se encontram jacarés, onças, rios grandes como o mar em cuja lama se escondem crocodilos e jacarés, além da clássica febre amarela e da interessante menção de insetos esquisitos. Uma descrição que o *expert* da agricultura Giuseppe Bardi apresenta, e aquela relativa produção agrícola e até gastronômica pernambucana, em um alento lírico em que a memória de sua amizade com o Frei Francisco Maria de Vicenza está associada com a lembrança de um passeio que os dois amigos fizeram nas colinas perto da cidade de Vicenza, Bardi observava como o frei arquiteto, na própria vida em Recife, tivesse dificuldades também em ter uma alimentação adequada no discurso dele.

Por outro lado, agrônomo salientava como o Frei Francisco Maria de Vicenza, em vez de comer um pão branco de trigo, tivesse somente uma estranha raiz, provavelmente entendida como a tapioca, onde o vinho era um sonho irrealizável, onde optava por fruta vêneta, era infelizmente substituída com fruta cheia de açúcar, por exemplo, o misterioso *Cheiu* em que os autores do presente livro tentaram desesperadamente de encontrar em dezenas de dicionários ali com palavras regionais, mas que talvez seja muito simples uma tradução fonética para a palavra *Cheiu*, relativas as frutas pernambucanas com Açúcar. Como dizia Shakespeare: “Todos os sonhos morrem ao amanhecer e por isso infelizmente as frutas misteriosas não existem”!

O agrônomo Bardi, permite também destacar uma característica Central na visão estética e no trabalho artístico do Frei Francisco Maria de Vicenza, o qual de fato era famoso não por demonstrar aquela abundância narcísica que muitos artistas possuem elaborando projetos e construindo igrejas majestosas e suntuosas sem ostentação, sem valorização, mas sempre em silêncio na parte final do próprio discurso de Bardi, que além de magnificar os valores religiosos e as capacidades profissionais e artísticas do amigo frei arquiteto um ligeiro eurocentrismo salientado o trabalho dos Artistas italianos deveriam continuar e sobretudo para unir povos civilizados com povos selvagens.



2º O DISCURSO DO BARDI DE 1880

Antes que a terra receba o teu corpo morto, enviamos as últimas palavras, ó alma abençoada e queridíssima de Frei Francisco Maria de Vicenza, de dor e consternação com a tua morte.

Todo o mundo tem palavras de admiração por um antigo filho desta bela cidade (Vicenza), para a qual você trouxe tanto afeto ao ponto de querer voltar da distante América para exalar o último suspiro.

Cerca de alguns anos atrás eu estava diante de você e enquanto subíamos uma colina próxima da nossa cidade, eu vi o teu rosto como rejuvenescido e as belezas da natureza que graciosamente te coroam nosso país te fazem esquecer por um momento a bonita cidade de Recife no teu Brasil.

Eu admirava muito a força da tua fé e a tua dedicação ao trabalho artístico que juntas te permitiram deixar a tua amada cidade de Vicenza e a tua família para viver em uma terra queimada com um calor impossível e que espanta com a presença de uma impenetrável floresta, que perturba com

o majestoso tamanho dos seus rios-mar, em cuja lama encontram-se caimões e aligatores, e aterroriza com a presença de jaguares e onças, onde além disso não existe o nosso bom pão branco de trigo, mas somente uma estranha raiz, onde o vinho é um sonho e me ajuda a possibilidade de que, às vezes, seja possível jantar na casa de pessoas ricas, porque também naquela ocasião, em vez dos nossos frutos venetos, tem somente o aguçado cheiro.

No momento da doença, como todos os filhos da Itália que vivem anos em terras distantes, antes de terminar a vida querem rever a própria pátria, e você, corajoso, fez novamente a viagem de Cristóvão Colombo, com valentia e ousadia, apesar de ter 72 anos.

Naquele momento, no meu coração eu desejava que aquela alegria e frescor de juventude, que você, Frei Francisco Maria de Vicenza, demonstrou em toda a sua vida, continuassem a alegrar uma existência infatigavelmente operosa, assim que a nossa pátria pudesse ganhar honrarias e louvores com o teu magnífico trabalho naquela terra distante.

Como na América você ansiava pela Itália, assim na tua Itália você desejava a distante América.



INTRODUÇÃO AO DISCURSO DE NEGRIN

A *Laudatio Funebri*s do amigo e colega na arquitetura Antonio Negrin é de fundamental importância para encontrar notícias úteis para o conhecimento da vida de Frei Francisco Maria de Vicenza. Notícias que vão desde a devoção espiritual, a situação da família, do nosso frei arquiteto, das obras projetadas e construídas, até uma impressionante experiência de aprisionamento em um cárcere que aconteceu durante a Primeira Guerra de Independência da Itália contra a Áustria e que, sobretudo, nos permite compreender a excepcional personalidade de Francisco Maria de Vicenza, formada durante uma vida longa e cheia de eventos incríveis. A tríade que o amigo e arquiteto Negrin escolheu para definir e lembrar a grandeza da alma do seu amigo baseia-se na declinação da palavra AMOR: Amor por Deus, Amor pelas Artes, Amor pelo País.

No discurso que os organizadores deste livro encontraram nas antigas bibliotecas de Vicenza, discurso pouco co-

nhcido até na Itália e inédito em língua portuguesa, e que, como todos os outros documentos históricos aqui apresentados, são do ano de 1880, temos a citação de uma célebre frase: “Querer é poder”, que na opinião do amigo Negrin descreve perfeitamente a personalidade particularmente determinada do Frei Francisco Maria de Vicenza. Infelizmente, essa renomada e icônica frase é a única coisa que passou para a história, visto que quase ninguém lembra o nome do criador da frase, Michele Lessona, e nem sequer do livro homônimo, publicado no ano de 1869. Um dos principais objetivos deste livro consiste em que a Basílica da Penha seja sempre mais conhecida e estudada, mas que também o criador e construtor da referida basílica consiga obter a merecida memória e fama.

As muitas notícias mencionadas pelo Negrin permitem que nós, pesquisadores interessados na vida de Frei Francisco Maria de Vicenza, possamos aprender para examinar vários aspectos, seja da juventude quanto da vida adulta do nosso frei arquiteto.

Desde que era menino, Matteo Lorenzoni, que depois assumiu o nome de Francisco Maria, se empenhava assiduamente no desenho e também em seríssimos estudos sobre a arquitetura clássica. Quando adolescente escolheu o refinado e elegante trabalho de artesão-decorador, e entre Vicenza e Pádua todos se lembravam dele como um jovem

educado e trabalhador. Passou muito tempo em Pádua com o irmão engenheiro, ajudando-o no trabalho enquanto aprofundava os estudos técnicos. Ao mesmo tempo se dedicava à pintura e até à criação de modelos de cera. Quando tinha 25 anos decidiu, depois de um desapontamento amoroso, se tornar frade capuchinho no Mosteiro de Bassano del Grappa em Vicenza, mas quiz permanecer leigo para dedicar-se ao próprio trabalho de arquiteto com assiduidade, dedicação e competência.

Um acontecimento na idade adulta de Frei Francisco Maria de Vicenza, narrado no discurso do amigo Antonio Negrin, é particularmente interessante porque nos permite entender seja a complexidade da personalidade do nosso frei arquiteto, que a situação político-social da cidade de Vicenza durante a Primeira Guerra de Independência contra a Áustria. Foi o fato de ter sido preso pelas autoridades austríacas e até de sua hipotética sentença de morte por fuzilamento.

Em uma perquisição na cela de Francisco Maria de Vicenza, os austríacos encontraram material de propaganda patriótica, junto com outras publicações de natureza religiosa, e por isso o nosso frei arquiteto foi levado e transferido para a prisão. Felizmente, as cartas enviadas pedindo a sua libertação, cartas seja da família quanto de outras autoridades civis e religiosas, assim como a objetiva dificuldade em fuzilar um frei capuchinho e famoso arquiteto, além disso,

permitiram a libertação do Frei Francisco Maria de Vicenza para que pudesse voltar a uma vida dividida entre a devoção religiosa e elaboração de projetos arquitetônicos.

O amigo Negrin lembra esse acontecimento central, e provavelmente traumático na vida do nosso frei arquiteto, querendo também salientar como todos os patriotas italianos, sejam eles leigos ou religiosos, lutaram pela própria pátria livre e unida. O arquiteto Antonio Negrin entrou até no exército e após ter sido gravemente ferido em uma perna prosseguiu a guerra, ajudando assim a pátria, servindo como arquiteto militar, colaborando nas fortificações das muralhas de Vicenza, na cidade de Chioggia e na Foz do Rio Brenta (Vêneto).

Em relação aos projetos e às obras de Frei Francisco Maria de Vicenza, o amigo Negrin salienta, no discurso de despedida dele, como o estilo dominante elaborado pelo nosso frei arquiteto, durante toda a sua vida profissional, tenha sido o estilo Neoclássico de clara origem palladiana. Enquanto, pelo Negrin, também influenciado inicialmente pelo Neoclassicismo, houve uma mudança para uma estética mais eclética, além de desenvolver pesquisas experimentais sobre métodos e estrutura na criação de jardins e outras questões de natureza urbanística.

Como já foi mencionado antes, a tríade de palavras, baseada no amor, que o amigo Negrin escolheu para definir o

amigo Frei Francisco Maria de Vicenza, foi o Amor por Deus, Amor pelas Artes, Amor pelo País. Sucessivamente, no decorrer do seu discurso ele elabora uma outra tríade que Francisco Maria de Vicenza usava para infundir grandeza nas suas próprias obras, sejam naquelas somente projetadas quanto naquelas construídas. Também nessa tríade entra o amor pelas artes e pela emulação dos clássicos, e essas paixões se conjugam em amor pela elegância estilística, amor pela majestade e amor pela dignidade. Uma característica peculiar e particularmente interessante desses dois arquitetos originários da cidade de Vicenza, tão diferentes à primeira vista, mas tão semelhantes entre eles na mesma visão ética e no compromisso no próprio trabalho, consiste no enorme amor que todos os dois tinham pela cidade de Vicenza.

No caso do Negrin, apesar dele ter trabalhado em todo o território vêneto e no que diz respeito ao Frei Francisco Maria, cujas obras foram construídas nos territórios do Império Austro-Húngaro, na França Mediterrânea e até no Brasil, a cidade de Vicenza, de Andrea Palladio, era considerada para ambos como a família deles, e a família é sempre o lugar de onde você começa e o lugar onde sempre voltamos.

Em relação ao nosso Francisco Maria, além disso, foi a cidade em que ele queria morrer e, por isso, decidiu embarcar-se na sua última viagem no dia 20 de janeiro do ano de 1880, de Recife ao Sul da França enquanto estava termi-

nando a própria obra mestra, a grandiosa Basílica dedicada a Nossa Senhora da Penha. As últimas palavras do amigo e colega Negrin, no dia da cerimônia fúnebre de Francisco Maria de Vicenza, definido para ele um anjo de paz e de concórdia, querem aconselhar a todos os presentes e, especificamente, aos jovens artesãos, de perseverar nos estudos e no trabalho e de tentar imitar o abençoado exemplo de vida e arte do nosso Frei Francisco Maria de Vicenza.



3º DISCURSO DO ARQUITETO NEGRIN / LAUDATIO FUNEBRIS

Permitam-me soltar a enorme dor que me oprime, derramando quentes lágrimas com os amigos que ficaram mudos, atônitos e ainda incrédulos com essa trágica perda. Eu me faço intérprete de seus sentimentos e, com a ajuda do coração, que, com as minhas pobres palavras, gostaria de lembrar o comum amigo, cidadão e arquiteto que hoje a morte improvisadamente raptou de nós. Alguns dias atrás, de Pernambuco, Frei Francisco Maria me informava da intenção dele de repatriar na próxima primavera. Quando terminaram as curas, ele pretendia voltar à sua cidade para relacionar-se com a sua família e os seus amigos artistas.

Passaram somente poucos dias desde que eu li aquela carta, e relendo hoje aquelas palavras, chorei muito. Nos seus escritos encontravam-se sempre três conceitos fundamentais: amor por Deus, pela Pátria e pela Arte. Mas agora, aquele coração sublime não palpitou mais, e aquela mão ficou gelada e imóvel. Nosso amigo caríssimo, Frei Francisco

Maria, não ouviremos mais o som da tua voz, feita de coragem e amor. Os amigos artistas já redigiram o teu epitáfio. A vida de Frei Francisco Maria se compendia.

Já quando era menino, estudou sozinho cultura clássica e arquitetura, destacando-se principalmente no desenho. Como trabalho, escolheu aquele de decorador, e toda Vicenza ainda lembra Matteo Lorenzoni / Frei Francisco Maria nos seus 20 anos, cheio de criatividade e elegância. Passou alguns anos em Pádua com o irmão maior, Giannantonio, engenheiro, graças ao qual tentou aprofundar-se nos estudos técnicos, além de possuir uma qualidade excelsa na pintura. No ano de 1928, tinha 25 anos e, decidindo que queria ser frei capuchinho, escolheu permanecer frade leigo para dedicar-se com muita seriedade aos estudos arquitetônicos, além de projetar importantes obras, como demonstram as inúmeras igrejas que ele projetou e construiu na Itália e no exterior.

Gostaria de lembrar aqui um interessante particular da vida dele. No ano de 1948, incorreu na única culpa de amar a Pátria. Segundo a Áustria, esse amor era um crime. Falando de política com várias pessoas, ele se prejudicou e nem o hábito de frei pôde ajudá-lo. A tenebrosa polícia austríaca, entrando na sua cela, encontrou, além de terços, materiais com as cores nacionais; arrastado à prisão de Treviso, poderia ter sido fuzilado, mas, obtida a graça de Radetzky, ele conseguiu voltar aos seus estudos e projetos.

Sempre teve, durante a vida dele, a convicção moral e psicológica que querer é poder! Escolheu o hábito de frei não por estúpida superstição, mas motivado por um profundo conhecimento religioso. Foi por amor à Arte, Pintor e Arquiteto. Aprimorou-se com os estudos clássicos e construiu o estilo dele, em que uniu elegância, majestade e dignidade. Mas, nas longínquas Américas, em Pernambuco, surge a última filha da sua mente, a grandiosa Basílica da Penha. O valente arquiteto projetou o edifício e enquanto o estava construindo, se lembrou dos seus conterrâneos e amigos artistas.

Por anos, ele solicitou a execução, aos artistas vicentinos, de obras de esculturas, pinturas, talhas em madeira, trabalhos em mármore e em metal. A memória desse ato permanecerá imperecível nas longínquas América, no majestoso edifício de Pernambuco, que foi adornado com obras de arte de Vicentinos. Vicentino o arquiteto, vicentinos os executores. E quando o nosso Frei Francisco Maria, não tendo mais a força para terminar a santa obra e compreendendo que estava no final da sua vida, decidiu realizar a arriscada viagem de regresso à Itália, passando do calor da América intertropical aos intensos frios da nossa região (Vêneto). Temendo não conseguir ver pela última vez a sua família e a sua amada cidade, o seu sobrinho e colaborador, Professor Girolamo Dani, foi até Bordeaux para ajudá-lo. Como lem-

brança da vida dele, ficam as suas obras e o sublime exemplo das suas virtudes; que essas nos encorajem a perseverar nos estudos e no trabalho.



INTRODUÇÃO AO ELOGIO DE ZANELLA

Nessa parte do livro, depois dos testemunhos dos amigos Bardi e Negrin, pronunciados depois do funeral, os organizadores da presente obra decidiram inserir integralmente um documento histórico que consideram de fundamental importância para a compreensão da vida e da personalidade do Frei Francisco Maria.

Alguns meses depois do enterro, de fato, Giacomo Zanella – um dos maiores poetas neoclássicos italianos da segunda metade de 1800 – escrevia um elogio para o nosso frei arquiteto. No mês de agosto de 1880, esse texto foi lido no palladiano Teatro Olímpico de Vicenza, e a apresentação do evento foi permitida graças à ajuda da Accademia Olimpica, academia da qual Zanella, Negrin e o mesmo Frei Francisco Maria eram sócios. Essa academia foi fundada em Vicenza no ano de 1555 e, entre os participantes iniciais dessa aventura intelectual do Renascimento italiano, estava também o grande arquiteto Andrea Palladio.

Claramente, nas páginas de Zanella, escritas depois de vários colóquios ocorridos com o sobrinho do nosso frei arquiteto – o qual não somente conhecia perfeitamente as vicissitudes existenciais do tio, mas que tinha também colaborado na gestão da produção e do envio das obras de arte, encontraremos repetições de eventos já salientados e mencionados por testemunhos precedentes; por exemplo, o acontecimento da prisão do Frei Francisco Maria relatado pelo arquiteto Negrin.

Os organizadores deste livro, porém, consideraram que, também na repetição da descrição de qualquer evento, a nova descrição produzida por um outro sujeito apresenta sempre novos particulares informativos e permite esclarecer o evento de uma maneira mais clara. Por exemplo, no relato do encarceramento do Frei Francisco Maria, Zanella nos informa que um dos motivos que permitiram a libertação do nosso frei arquiteto foi a sua excepcional capacidade em desenhar os retratos dos oficiais austríacos, associando esse acontecimento com um fato histórico similar acontecido no ano de 1435 com o pintor Filippo Lippi, também ele prisioneiro dos piratas muçulmanos que, naquela época, assaltavam o Mar Mediterrâneo.

Nas páginas de Zanella, observa-se um rigor na descrição cronológica da vida e das obras do Frei Francisco Maria, particularmente útil e esclarecedor.

O elogio elaborado por Zanella é de fundamental importância não somente para a clareza do resumo da vida do nosso frei arquiteto, mas também porque esse texto foi produzido por um protagonista da cultura italiana que, superficialmente, é quase sempre definido somente como poeta.

Zanella, em vez disso, foi um intelectual de “360 graus” que, além da sua grandeza na produção poética, tentava conciliar, através do próprio pensamento crítico, fé e razão. Um pensador que desempenhou durante décadas também a função de tradutor das principais literaturas estrangeiras para a língua italiana e que traduzia do grego e latim aqueles clássicos que ele sentia vivos e centrais para a formação cívica da Itália.

Foi também um acadêmico com cadeira de Literatura Italiana e desempenhou até a função de Reitor na Universidade de Pádua. Mas, juntamente a essa enorme atividade, Zanella era um intelectual com curiosidade e coragem, tendo elaborado uma obra relacionada à emigração dos camponeses italianos, principalmente no sul do Brasil e na Argentina – argumento esse que, no ano de 1872, era propositadamente não enfrentado e minimamente debatido na cultura político-literária italiana dominante (visto que os emigrantes eram considerados como uma vergonha para a Itália, que não conseguia nutrir os próprios filhos pobres).

No elogio de Zanella, podemos compreender com maior clareza dois dos argumentos já analisados nos documentos históricos aqui apresentados. No primeiro caso, conhecer a família do Frei Francisco Maria de Vicenza, principalmente os irmãos que contribuíram notavelmente no desenvolvimento da personalidade do nosso frei arquiteto; e, no segundo caso, compreender a percepção, bem como os conhecimentos que a classe intelectual italiana na segunda metade de 1800 possuía em relação ao Brasil e, especificamente, sobre Pernambuco e Recife.

Já sabíamos que o nosso frei arquiteto tinha uma relação mais próxima com o irmão maior, Gianantonio, que possuía uma formação acadêmica de natureza engenheirística e, trabalhando com o irmão, Francisco Maria tinha aprendido conhecimentos técnicos fundamentais para o próprio trabalho arquitetônico.

Mas agora, graças aos escritos de Zanella, podemos saber que um outro irmão, Girolamo, foi doutor em Teologia e Prior do Convento de Monte Bérico, em Vicenza, além de ser um exímio tocador de piano. Conhecemos o nome da irmã Angela, casada com Dani, cujo filho ajudava o Frei Francisco Maria nas relações, até comerciais, entre o tio em Recife e os outros artistas vicentinos ou venezianos.

Os outros irmãos, como Luigi, tiveram um menor sucesso de natureza profissional, mas, junto com os outros,

formavam uma família de classe média, não rica, mas com profundos interesses culturais, virtudes cívicas e, fundamentalmente, construída sobre uma forte fé católica que direcionava as escolhas e os comportamentos.

Em relação à percepção e aos conhecimentos que um intelectual como Zanella tinha do Brasil e, especificamente, do estado de Pernambuco, podemos notar como esses conhecimentos sejam mais rigorosos e detalhados, além do fato de que Zanella era menos eurocêntrico que Bardi na descrição das características naturais (“floresta perigosa”) ou da estrutura político-social (“povo primitivo”).

Aquilo que surpreende na descrição de Zanella são, em 1880, as constantes referências aos recursos minerais – prata, ouro, diamantes e platina –, além de definir Recife como um dos maiores portos do mundo, cheio de audaciosos navegadores e ótimos comerciantes, mas com poucos artesãos e trabalhadores técnicos.

No texto de Zanella que resume a inteira vida, bem como as obras de F.F.M. [Frei Francisco Maria de Vinceza]

Podemos observar como metade das páginas dele são dedicadas às experiências e aos projetos construídos no estado de Pernambuco. Claramente, a descrição dos anos de trabalho gastos na construção da Basílica da Penha é central na narração de Zanella, mas a clareza e a precisão descritiva dele podem ser úteis também no estudo da história do

patrimônio arquitetônico do Estado, tendo em consideração o número enorme de projetos implementados, a variedade dos estilos e até a diversidade dos clientes e mecenas.



4º ELOGIO DE GIACOMO ZANELLA PARA O FREI FRANCISCO MARIA EM 1880

Quando conheci nitidamente a vida do estimado cidadão de que hoje nos reverenciamos a memória, do Frei Francisco Maria de Vicenza, cujo nome de batismo é Matteo Lorenzoni?

Quando o excelente sobrinho dele, Professor Girolamo Dani me apresentou os numerosos desenhos de projetos arquitetônicos desenvolvidos e construídos em Veneza, Trieste, Eslováquia, Córsega e Brasil.

Então, vos declaro presados senhores, que o meu espírito está levantando-se, lembrando de épocas passadas em que a arte era mais considerada respeito aos dias de hoje.

Eu gostaria de apelar a cada um de vós artistas vicentinos; – eu não sei se vocês tiveram atualmente tantos pedidos de obras de arte –, seja de instituições públicas, seja de mecenas particulares, como aqueles que esse descalço discípulo de São Francisco enviava para vocês do outro lado do oceano permitindo a entrada de muito ouro nos bolsos

das vossas famílias. Dir-vos-ei algo a propósito da vida dele que me parece uma verdadeira vida italiana, vida de artista e vida de crente.

Nascido em 1804, estudou inicialmente nas escolas de San Giacomo e, depois de três anos em que a família se transferiu para Bolzano, onde o pai abriu uma loja de vendas de cigarros, viveu toda juventude em Vicenza.

Nas escolas públicas de Vicenza, naquele período, tinha a matéria de desenho, e imediatamente o jovem Matteo se apaixonou pela disciplina empenhando-se a tal ponto que por sendo ele somente um rapaz, fazia desenhos de cortinas teatrais e pavilhões que seguiam vender aos entalhadores de madeira e aos estofadores da nossa cidade.

Atraído pelo lucro começou a colaborar inventando e construindo decorações e enfeites para as festas da cidade. A operosidade e a diligência do jovem decorador despertava sensações da maravilha no povo vicentino.

Com o corpo grande e bonito, o rosto aberto e jovial, embora tendo algumas cicatrizes de varíola, Matteo Lorenzoni era sempre muito elegante, amava os alegres grupos de amigos e inventava e construía vários brinquedos e objetos para o divertimento de todos.

Aprendeu a dançar e depois ensinou a todos os irmãos e irmãs as técnicas da dança. Na casa Lorenzoni naquela época, as festas de família eram frequentes. Festas em que

Girolamo o irmão mais jovem, que depois ordenou-se padre católico. Foi Doutor de Teologia, tocava bem o piano, pois gostava da música clássica.

Em algumas ocasiões o nosso Matteo depois de ter construído um teatrinho de marionetes e fantoches entretia toda a família e os hóspedes. Além disso ele gostava também das máscaras de carnaval e provas de roupas extravagantes. Mas entre os quartos da casa dos pais de Matteo, cheios de instrumentos musicais de arranjos, de decorações teatrais, havia um quarto pequeno devotado às práticas religiosas, onde estava uma *via crucis*. Esses símbolos de pobreza e sofrimento implantaram uma semente no coração de Matteo. Esse pensamento ficou fixo até quando ele perdeu um amor e morou alguns anos em Pádua com o irmão engenheiro.

A ajuda do irmão foi fundamental para adentrar-se no estudo da arquitetura. Disciplina em que ele considerava Andrea Palladio como um mestre supremo.

Retornando a Vicenza no ano de 1829, tendo 25 anos e ouvindo uma voz que o chamava para uma vida mais austera, interrogou com o ímpeto típico dos jovens, a sorte.

Depois de alguns dias de jejum e orações a Virgem Maria colocou três bilhetes em um pote: sacerdote secular, capuchinho secular ou capuchinho leigo. Para três dias tentou a sorte e cada dia a resposta foi capuchino leigo. Aceitou o destino e foi acolhido no convento dos capuchinhos

de Bassano no ano de 1830. Já nos primeiros tempos os seus superiores, na ordem dos capuchinhos conhecidas as habilidades artística do novo irmão Frei Francisco Maria de Vicenza, permitiram que ele trabalhasse principalmente na produção de obras de arte.

Vivendo nos Conventos de Veneza até 1845, ele mostrou um estilo elegante e versátil construindo relicários com três ordens dórico, iônico e coríntio com bonitas miniaturas representadas por São Lourenço e São Hipólito. Copiou em uma base de madeira uma Nossa Senhora do Giambellino e, se a cidade de Veneza deve ao Palladio uma soberba igreja do Redentor, deve também a esse vicentino a hodierna forma do convento, construído ao lado da igreja, que foi reprojeto integralmente por Francisco Maria nos anos de 1843 a 1844.

Essa grande e bonita alma italiana teve também um profundo amor pela Pátria. Amor, que foi duramente sancionado quando o seu irmão Luigi defensor da Batalha de Asolo, enviava ao irmão Francisco Maria algumas cartas não certamente benevolentes para a Áustria.

Indiscrições e notícias falsas fizeram com que o nosso frei arquiteto fosse preso e transferido para as prisões na cidade de Treviso. O hábito de São Francisco lembrava a ele a resignação, enquanto a arte lhe sugeriu uma maneira de sair do cativeiro. Ele lembrou a vida de Filippo Lippi, pintor

Florentino do 1440 que estando na praia da Província de Ancona, decidiu subir em um pequeno barco para ver a beleza da Costa do mar mas, infelizmente, um barco de piratas tunisianos o raptaram e o transportaram na África.

Vendido como escravo Filippo Lippi se lembrou da própria arte e utilizando um pedaço de carvão desenhou em uma parede branca um retrato fenomenal do atual padrão muçulmano e imediatamente foi liberado. Na situação semelhante Frei Francisco Maria recorreu ao mesmo expediente e desenhou uma miniatura em um pedaço de marfim retratando os oficiais austríacos responsáveis pela prisão os quais tinham boas relações com Marechal Radetski e depois de alguns meses ele pode voltar para seu convento.

No ano de 1857 transferiu-se para Trieste. Viajava descalço e no hábito todo mundo poderia observar o frei, enquanto se podia ver o artista na bengala que tinha o signo do metro e na extremidade a cabeça do Palladio esculpida na madeira.

Foi chamado em Trieste para desenhar e construir um convento e uma igreja dedicada a San Apollinaire, mártir da cidade.

A Ordem Capuchinha já estava administrando o hospital público e a construção da igreja e naquela ocasião ricos e pobres se juntaram para financiar o projeto, até mesmo os judeus ajudaram a santa obra.

A primeira pedra foi colocada no dia 22 de setembro de 1857 e a igreja foi consagrada no ano de 1870.

O edifício sagrado foi construído sobre uma colina que foi aplainada para ter o espaço necessário. A igreja é de uma austera simplicidade no estilo Toscano Bizantino com três capelas em cada lado. A operosidade de Frei Francisco pode ser definida como milagrosa, pois trabalhou também em Trieste na ampliação da Igreja de Santo Antônio e na cidade de Isola e Muggia construindo as fachadas das igrejas de São Pedro e São João.

Durante a construção da igreja de San Apollinaire em Trieste enfrentou com humildade cristã a inveja de alguns dos seus confrades e, quando as calúnias aumentaram o nosso frei arquiteto pediu para ser transferido para outra sede e de Roma veio a ordem de transferir-se para Herzegovina, antiga Iugoslávia.

A Herzegovina está situada entre a Croácia, Montenegro e a Bósnia, e consiste numa série de montanhas e vales com impetuosos rios e seus 300 mil habitantes eslavos e católicos gregos, maltratados pelos turcos muçulmanos que ignoravam os benefícios da civilização moderna.

Aos filhos de Francisco, Roma confiou uma missão para ajudar aqueles pobres populações, entre as quais o nome de Frei Francisco Maria ressoa ainda forte e glorioso. Identificou as pedreiras de mármore nas montanhas, e escolheu

cada um dos abetos nas florestas. Depois de quatro anos enriqueceu a Herzegovina de monumentos que comprovam a potência do seu talento e a profunda fé daquelas populações.

Em Mostar, capital do país, desenhou a Catedral de Si-roc-Brig, construindo uma grande igreja de três Naves. Em Humac construiu um convento com seminário e a Viclis fez o desenho da igreja das escolas públicas.

Sobre o Rio Mladi notoriamente impetuoso e perigoso, graças ao dinheiro do sultão Frei Francisco Maria construiu uma ponte solidíssima com nove Arcadas recebendo as bênçãos da população local que beijava com gratidão o hábito de São Francisco.

Roma, por sua vez, olhava com interesse as obras do frei arquiteto, e no ano de 1867 Francisco Maria foi enviado para a Ilha da Córsega (França), e lá produziu o desenho de uma igreja com convento. Em Tuvani, ampliou uma outra parte do convento. Em Cardo projetou uma igreja cujo desenho foi aprovado e louvado pelo governo francês. Terminada essa experiência Frei Francisco Maria próximo aos 70 anos, pensava em parar com a arquitetura, mas a Providência tinha para ele um outro desenho, o Brasil.

O Brasil é a terceira parte da América Central, um país onde a ciência e as invenções técnicas da modernidade não modificaram muito a selvagem e desordenada magnificên-

cia da natureza. Imensas florestas com árvores gigantescas e cheias de lianas (espécie de cordas penduradas nas árvores) povoadas de pássaros com deslumbrantes penas.

Enormes minas de prata, ouro, diamantes e outras pedras preciosas, além de um território cheio de desertos de areia e mortíferos pântanos. É um dos maiores impérios do mundo, mas a população é somente 10 milhões de pessoas, algumas tribos de pele vermelha viviam na floresta. Tem também um milhão e meio de escravos cujo suor fecunda a terra.

Recife, no Estado de Pernambuco, é uma das cidades mais ricas e povoadas do Brasil. Localizada na costa do Atlântico com um dos maiores porto do mundo, tendo abundante presença de ousados navegadores e de habilidosos comerciantes, porém com falta de bons engenheiros e artesãos preparados para uma construção complexa. Diante desses problemas, os habitantes da cidade do Recife no ano de 1870 querendo erguer uma igreja em homenagem a Nossa Senhora da Penha, que pudesse ser uma das mais grandiosas do país, aliás, da inteira América. Apelaram para os padres capuchinhos que tinham um hospital na cidade. Esperavam que entre os padres italianos que estavam na cidade, alguém pudesse apontar na pátria das Belas Artes, a Itália, um arquiteto cuja competência artística estivesse no mesmo nível da grandiosidade do projeto.

O responsável do hospital naquele período era o Frei Fedele da Fugnano (cidade da região da Úmbria), o qual relatou o pedido do povo pernambucano ao Superior Geral de Roma, obtendo como resposta o nome de Frei Francisco Maria de Vicenza.

O que disseram ao nosso frei arquiteto o tremendo silêncio dos mares, e aquele templo natural das estrelas, eu não posso dizer. A Cruz que guiou Colombo na sua primeira viagem e a primeira bandeira plantada na terra americana, gritavam com força a frase: “Com Deus o homem pode tudo”. Depois de 15 dias de navegação Francisco Maria desembarcou em Recife. Analisando imediatamente o local começou a desenhar a futura igreja, produzindo desenhos que foram apresentados ao Imperador do Brasil no ano de 1872. A igreja de Nossa Senhora da Penha que possui 70 metros de comprimento, 28 de largura e 46 de altura incluindo a cúpula. Até agora custou um milhão e 60 mil Francos, e se eleva majestosamente com uma fachada com duas ordens de colunas corintas, coroadas com frontão e franqueadas com duas asas com uma só ordem de pilares coríntios. Uma grandiosa cúpula contendo ao lado dois campanários. A lanterna da Cúpula tem janelas com forma Tabernáculo, e sobre a lanterna há o pedestal acima do qual eleva-se a grande estátua de Nossa Senhora. Os Altares são 16, todos ornamentados ricamente e o mais notável é aquele dedicado a

Nossa Senhora, que está em uma graciosa capela tendo uma base octagonal.

Nos primeiros dias de trabalho a principal dificuldade de Francisco Maria foi relativa a falta de conhecimento técnico dos trabalhadores. Ficou assustado porque eles não conheciam outra medida do que o polegar e o braço. Francisco Maria teve que ensinar o uso do metro e como manusear um cinzel, a plaina e a espátula, usando mais a paciência do frei, do que os conhecimentos do arquiteto.

A cidade de Vicenza, sua amada e bonita cidade, sempre presente e viva no seu coração, foi central no despertar a estética palladiana para a execução das futuras obras de arte da igreja de Nossa Senhora da Penha.

Quando o Frei Francisco Maria trabalhava na Herzegovina, lembrou os ótimos artesões de Vicenza, ao ourive Colognato encomendou uma coruja de prata de 400 kg para adornar a estátua de Nossa Senhora em uma igreja de Mostar.

Na igreja de Trieste tinha feito um pedido ao pintor Bottazzi e agora de Pernambuco, os pedidos relativos às obras de arte aumentaram exponencialmente para os nossos artistas vicentinos. Pietro Belcaro, esculpiu, em pedra, 12 grandes estátuas para a decoração da fachada.

Giovanni Armano, trabalhando com a pedra da região de Istria, do Norte-Leste da Itália, criou as bases das portas

da fachada enfeitando-as de baixos relevos, pequenas estátuas e frisos. Esculpiu, além disso, pilares e capitéis para o altar e um elegante Tabernáculo feito com vários mármore. Tabernáculo que depois o ourive Antônio Stocchero decorou com baixos relevos. O próprio ourive, criou 12 candelários de metal branco. Antonio Squarise e Antonio Soave, esculpiram com pedra branca o Altar Maior, adornado depois com 2 estátuas e vários baixos relevos do excelentíssimo Besarel de Veneza.

O Squarise, criou ainda 2 elegantes fontes batismais para água benta, em pedra, como também esculpiu, vários anjos nos pedestais dessas.

Bartolomeo Bottazzi, preparou e enviou para o Brasil milhares de quilos de cobre para cobrir a cúpula, além de criar 18 candelabros de bronze.

Domenico Givanni², esculpiu a escultura colossal de Nossa Senhora da Penha, revestida de cobre que se ergue na somidade da Cúpula. Sempre o Givanni trabalhando com madeira de pereira, fez as 3 portas da entrada, esculpindo nelas vários eventos da vida da Virgem. Entalhou várias molduras douradas para os altares onde estão 9 estátuas que ele esculpiu.

Antonio Zanetti, por sua vez, fez em madeira um grupo de estátuas que retratam a caridade de Santa Isabel Rainha

2 Vide Anexo V

e, além disso, fez também uma rica coroa apoiada em estátuas de anjos com 2 medalhões em baixo relevo feitos com a colaboração de Belcaro.

Felice Concato, o ferreiro, fez todas as ferraduras das 3 portas admiradas por todos, por sua solidez, precisão e elegância. Precisa, contudo, dizer que até a cidade de Verona não foi esquecida por Francisco Maria, porque as colunas de 8m de altura que dividem os corredores da igreja, foram trazidas das cave di marmo (pedreiras de mármore) vermelha, de Santo Ambrogio em Verona.

Graças ao nosso frei arquiteto, o nome da cidade de Vicenza e a glória dos artistas vicentinos cruzaram os mares. Francisco Maria desejava que algum artista vicentino pudesse viajar e residir em Recife para trabalhar *in loco*, mas a distância da viagem e a peculiaridade do clima não permitiam essa viagem. Somente dois corajosos vieram: Agostino Bottazzi, que pintou em afresco a coroação, a ascensão e a morte da Virgem. Porém, enquanto trabalhava em um medalhão, teve uma fortíssima febre e, em pouco tempo morreu; o outro italiano que veio, foi Ferdinando Marzegan, exímio entalhador, que morreu no meio dos seus elegantes trabalhos no auge da sua vida. Suas almas descansem em paz, estimados concidadãos, e até sendo enterrados em terra estrangeira. A vossa memória sobrevive cara e honrada em Vicenza.

Com todos esses artistas, Frei Francisco Maria tinha uma correspondência, não obstante a visão fraca e apesar de ser um velho de 70 anos, mesmo assim, subia todos os dias no telhado do campanário. Mesmo sendo ocupado nessa considerável construção encontrou tempo para projetar outros trabalhos arquitetônicos. Desenhou uma remodelação do Hospital São Francisco em Pernambuco, uma igreja de Nossa Senhora na Província de Alagoas, uma outra igreja dedicada a Santo Antônio Abate na cidade de Vitória, uma igreja em Bom Jardim, outra dedicada à Nossa Senhora em Vila de Cabo de Santo Agostinho, uma casa em Una e outra em Escada, Pernambuco, uma Casa Gótica em Limoeiro e até um amplo Edifício no colégio Isabel em Pimenteira, sempre no Estado de Pernambuco.

Enquanto a construção da igreja da Penha avançava nos primeiros dias de maio 1875, foi possível colocar a cruz no pináculo da fachada. Em uma carta em 1875 que o Frei Francisco Maria enviou ao sobrinho Professor Girolamo Dani, que era o elo de junção entre a América (significando Brasil), e os pedidos das obras de arte italianas, logicamente para os pagamentos correspondentes.

Francisco Maria descreve na parte final da carta com profunda eloquência à felicidade do povo do Recife: “Enquanto o guindaste estava se movendo para por a estátua que subia no ar, o povo aplaudia e solva fogos de artifício”.

Ele salienta que não consegue imaginar a felicidade do Povo, quando a estátua de Nossa Senhora da Penha, de 1600 kg, fora elevada e posta sobre a cúpula. E foi em 10 de dezembro de 1878 que aquele dia chegou. Eu não falei nesse elogio das numerosas acusações que Frei Francisco Maria teve de enfrentar durante a construção, muitas pessoas afirmavam que a cúpula não teria a base sólida para suportar o peso de uma estátua tão pesada. Então, por precaução, Francisco Maria tinha feito examinar os seus desenhos e cálculos ao amigo arquiteto Negrin, na Itália, para vencer com o peso da autoridade e competência do amigo arquiteto a inveja e a desconfiança dos opositores.

A maioria dos engenheiros na construção discordava da opinião do arquiteto Francisco Maria, e argumentava que a cúpula não teria aguentado todo aquele peso. A elevação da estátua foi feita na parte central interno da igreja, e o guindaste começou o trabalho às 12 horas e às 14 horas a estátua era visível sobre a cúpula.

Em uma outra carta ao sobrinho Dani, Frei Francisco Maria descreve a felicidade dos habitantes de Recife com fogos de artifícios, músicas, banda militar, mas a coisa mais importante para o nosso frei era que o trabalho fosse executado sem que nenhuma pessoa ou trabalhador estivesse envolvido em um acidente e, além disso, que não se encontrasse na estrutura nenhuma pequena rachadura.

Nesses anos em que a obra estava sendo construída, Francisco Maria teve de regressar à Itália, em 1876. No decorrer da viagem passou por Lisboa, Bordeaux e Gênova. Em agosto ele estava na sua amada Itália. Em Veneza visitou o atelier do escultor Besarel, que fez um retrato dele na argila, retrato, que depois foi reproduzido no baixo relevo de mármore que adorna o Altar Maior da Basílica da Penha.

A Academia Olímpica de Vicenza, tinha decidido nomear o Frei Francisco Maria como sócio de Honra da Academia, e nas palavras de agradecimento dele, constavam somente dois desejos, o primeiro era de honrar o mestre André Palladio, e o segundo de voltar à Vicenza nos seus últimos dias de vida.

Durante o mês de janeiro de 1879 a capacidade de visão dele foi ficando sempre mais fraca, e começara perigosamente a piorar. Até as pernas não funcionavam bem, além de serem sempre inchadas e, então, nosso arquiteto decidiu ficar um período de descanso na Colônia Isabel no final de 1879. Entendendo que não conseguiria melhorar da saúde, decidiu depois de ter discutido com seus irmãos cappuccinhos de voltar para a Itália. As suas últimas palavras em terras brasileiras, foram palavras de sofrimento por não conseguir terminar a construção da igreja da Penha.

Em 20 de janeiro de 1880, com a assistência do Frei Pellegrino de Forli, abandonava a América, e no dia 4 de feve-

reiro chegou em Bordeaux onde encontrou o sobrinho Professor Girolamo Dani, que preocupado, estava esperando por ele. Chegou em Vicenza no dia 10 de fevereiro às 17:30h, e foi prontamente acolhido pela sua irmã Ângela e seu irmão menor Luigi; infelizmente o único sobrevivente dos irmãos da família Lorenzoni.

Sentado na mesa da família, jantou sem dificuldades, e até conversou brincando e contando parte das Curiosas Aventuras da sua vida na América (Brasil). Na manhã do dia seguinte Frei Pellegrino lhe administrava os últimos sacramentos, todavia, depois de meia-noite, no começo do dia 13 de fevereiro de 1880, o Frei Francisco Maria vulgo Matteo Lorenzoni dormia passivamente no berço do Senhor. Os seus funerais foram solenes e o silêncio está sobre o seu túmulo, mas no atelier de muitos artistas ressoa o som do cinzel sobre os mármorees que enfeitaram a igreja da Penha.

A você Francisco Maria, será eternamente grata a Itália. Foste pobre, voluntariamente pobre, mas na tua pobreza demonstraste que para erguer uma grande obra, mais que a riqueza, vale um coração fundamentado sobre o amor de pátria e de Deus.



INTRODUÇÃO AO EPISTOLÁRIO DO ANO DE 1879 DO FREI FRANCISCO MARIA DE VICENZA

Na pesquisa das várias fontes históricas relativas a vida e as obras do Frei Francisco Maria de Vicenza, os organizadores desta obra encontraram inúmeras cartas do nosso frei arquiteto produzidas no decorrer da própria vida.

Escritas passadas nos vários países europeus e no Brasil, claramente sendo *epistolarion* de enorme dimensão, conservado no arquivo capuchinho de Veneza, Itália, porém, não foi possível citá-lo integralmente. Por isso decidimos limitar-nos a transcrever somente uma pequena parte desses documentos históricos, escolhendo o ano de 1879 como o ano paradigmática na vida do Frei Francisco Maria, seja porque foi o ano fundamental no processo de construção da igreja da Penha, também porque foi o último ano de sua vida que passou em Recife trabalhando antes de voltar à sua amada cidade de Vicenza.

Decidimos apresentar as cartas do ano de 1879 seguindo a cronologia de cada mês. Podemos ler uma carta que

nos permitirá mergulhar na construção da Basílica da Penha. As últimas duas cartas pertencem ao período em que Frei Francisco Maria residia por questões de saúde na Colônia Isabel, instituição em que Francisco Maria colaborou em construir um edifício também nessas últimas cartas. Por sua vez, salientamos os seus problemas de saúde referindo ao predileto sobrinho professor Dani Girolamo, seu colaborador fundamental na Itália.

Destacam-se as dificuldades financeiras e as complexidades organizativas que o padre perfeito tinha em relação a uma construção majestosa como a igreja da Penha.

Na última parte do epistolário de Francisco Maria, estão presentes tópicos centrais que cada arquiteto tem que obrigatoriamente enfrentar no cumprimento da própria obra, isto é, as contínuas discussões com os artistas, com os atrasos nas entregas, com a danificação das obras de arte que aconteceram durante a viagem oceânica.

Nas cartas, têm a constante questão econômica que afeta, principalmente, as discussões referentes quase sempre aos adiantamentos dos Artistas. Pois, pedem até ao padre prefeito, o homem provavelmente mais habituado a questões de natureza teológica, que as queixas dos preços, além da dramática questão do câmbio em Réis, Francos e Libras no ano de 1879 no Brasil e na Itália.

Outras temáticas relatadas, incidem sobre os proble-

mas dos artefatos artísticos enviados de Vicenza a Recife, Pernambuco, sobre as operações de carga e descarga, e até os perigos para os trabalhadores locais na gestão de cargas pesadas, a exemplo de colunas de mármore de Verona, de 8m de altura.

Lendo essas cartas, pude participar da aventura da construção da Basílica da Penha, observando o desenvolvimento da obra, mês após mês, conhecendo todos os problemas que aconteciam na construção tão particular, partindo de um pedaço de tijolo que caiu na cabeça de Francisco Maria, aos contínuos atrasos e até às problemáticas de sua saúde, mas, sempre enfrentadas com um sorriso nos lábios, a fé no coração.

Sendo assim, podemos, além disso, observar as mudanças psicológicas de um artista que viveu por muitos anos no Nordeste brasileiro, nos anos de 1872 a 1880. Notamos, por exemplo, que apesar de falar italiano com o irmão, o Frei Francisco Maria, começava a confundir-se em relação ao uso de algumas palavras técnicas.

No seu trabalho é interessante como na carta de 14 de maio do ano de 1879, Francisco Maria, escreve ao sobrinho professor Girolamo Dani, que não tendo viajado nem a Portugal nem ao Brasil, não falava português, e de ter perdido ajuda a um marceneiro, em vez de um falegname.

As últimas cartas foram escritas na Colônia Isabel onde

Francisco Maria tinha ido para curar-se de um perigoso inchaço nas pernas. Inicialmente parecia uma situação de melhora em relação, por exemplo, ao contínuo cansaço, mas em dezembro teve um agravante e decidiu-se enviar o nosso frei arquiteto à sua Pátria, cidade de Vicenza, Itália.

Uma nota espirituosa que nos vicentinos não podemos nos furtar de salientar, baseia-se na lista dos vinhos que Francisco Maria tinha podido saborear no Recife. Vinhos como Valpolicella, Bordeaux e o vinho do Porto. Sublinhamos essa questão menor, porém, não menor para os Vicentinos porque na *laudatio funebris*, do amigo Bardi, situada no começo deste livro, uma das principais preocupações do amigo, relativamente à vida do Francisco Maria em Pernambuco baseava-se na diferente e particular alimentação local.



5ª EPISTOLÁRIO: CARTAS ESCRITAS NO ANO DE 1879

Ao caro leitor, é essencial considerar que, ao ler as cartas, seguem neste epistolário, seu valor literário expresso no seu tempo com a sua riqueza de sentimentos, e expressões de uma enorme utopia da existência, que se estabelece no aqui e no agora da nossa história.

Temos a convicção que tudo brotou da subjetividade humana como referencial primordial da necessidade de exprimir a ansiedade, o desejo de deixar um legado para um povo ordeiro e gigante em sua própria natureza. Do entender valores espirituais como sendo fundamentais para a realização humana.

Sendo assim, merece um olhar curioso, mas acima de tudo, um olhar que desperte a consciência histórica para compreender o valor da cidadania construída com esforços e sacrifícios, empenho e dedicação ímpar, que deixa um legado histórico que perpassará as gerações que se sucedem, conseqüentemente, enaltecendo a dimensão histórica de nossa realidade, do nosso Estado de Pernambuco e, conseqüentemente, da riqueza que é a História do Brasil.



1ª CARTA DE 13 DE MARÇO DE 1879

Todo o trabalho que está sendo feito na construção, eu quero monitorar com os meus próprios olhos. Assim, não fiz com as obras de Mantovani e Boró, tendo a máxima confiança na capacidade deles, e então eu não controlei as estruturas de sustentação do último trabalho na torre que está de lado da Rua da Assunção. Mas depois das primeiras chuvas, observei com espanto que havia vazamentos em três pontos da parede.

Até que as estruturas de sustentação ficavam do lado da construção, os trabalhadores poderiam ter resolvido o problema gastando pouco dinheiro e sem perigo de cair. Mas agora que as estruturas de apoio foram tiradas, como é que poderíamos resolver o problema?

Essa semana, Nossa Senhora Santíssima fez dois milagres. Eu estava caminhando abaixo das estruturas de sustentação quando acidentalmente um pedreiro deixou cair na minha cabeça um pedaço de tijolo; graças a Deus não era nem grande e nem pontiagudo, mas me criou um grande fe-

rimento com a perda de muito sangue. Mas eu não morri.

O segundo milagre aconteceu no dia seguinte, quando um grupo de trabalhadores estava colocando uma peça de concreto enorme na parte esquerda, entrando na igreja. Naquele momento, uma viga de madeira que compõe a estrutura de apoio se desligou, mas, felizmente, a pesadíssima peça não caiu sobre os 10 ou 12 trabalhadores que estavam trabalhando.

Pergunta à sua mãe se a próxima vez que ela for no Santuário de Monte Bérico (Vicenza) ela poderia agradecer, com orações, a Nossa Senhora, em meu nome, por esses milagres.

No dia 7, recebi uma cópia do jornal de Vicenza que elogiava as três estátuas de Belcaro... Por que três e não quatro estátuas? Tenho muito medo que a estátua que falta, seja uma dos Evangelistas, que são fundamentais na fachada.

O Ferrari me enviou várias cartas, mas a caligrafia dele é tão bárbara que é quase impossível entender o sentido das frases. Também a minha caligrafia é feia, mas, pelo menos, é possível ler e entender as mensagens.

Na próxima segunda-feira, começaremos a instalar a monumental arquitrave da porta maior.. Que Deus nos abençoe.



2ª CARTA DE 28 DE MARÇO DE 1879

Eu recebi no dia 22 deste mês as tuas cartas dos dias 22 e 28 de fevereiro, além de receber de Veneza a carta da Sociedade Fraricalle Albanesi, que se ocupa de mosaicos, pisos de mármore e reprodução de quadros.

Na minha próxima carta, anexarei um documento e vários desenhos técnicos para essa sociedade. Por isso, você poderia perguntar a Domenico Givanni a qualidade das produções do estabelecimento da empresa e do seu diretor artístico, Carlo Caldana.

Os meus desenhos baseiam-se sobre as aquarelas de Bottazzi e, para entender com precisão as mudanças, gostaria que você pudesse viajar para Veneza e observar com atenção cada pormenor.

Se a diferença de qualidade e preço fosse mínima, poderíamos escolher o afresco em vez do mosaico, pelo menos para os primeiros 5 sujeitos.

Não esquecer de explicar que depois desse trabalho a sociedade teria outros possíveis negócios, e um artista que

pudesse vir aqui (em Recife) poderia ter outros trabalhos para fazer, por exemplo, dois grandes quadros históricos de 4 x 2 metros.

Entendo que a dificuldade principal se baseia em convencer um artista de nível elevado a vir aqui, mas se ele executasse esses 5 mosaicos, infelizmente não teria um bom lucro para a Sociedade Fraricalle Albanesi, devido aos custos da viagem e de outra natureza. Ficar aqui um período maior, com outros trabalhos, permitiria ao artista ganhar também nessa parte do Novo Mundo.

Nota Bem... Essa administração e direção fornece exclusivamente a exoneração das taxas alfandegárias nesse porto, junto com um assistente (tradutor) pessoal. Todo o restante, gastos de viagem, aluguel, comida é por conta da sociedade que enviará o pintor.

Quando você estiver em Veneza, tente falar com o Ex. mo Diretor da Academia de Belas Artes, para tentar encontrar o nome de um pintor a fresco.

A coisa que para mim é de extrema importância é conhecer, o mais cedo possível, o preço dos mosaicos, dado que se o Padre Prefeito e os financiadores aceitassem, eu poderia imediatamente confirmar a decisão e o artista poderia estar aqui para o dia 3 de agosto.



3ª CARTA DE 29 DE ABRIL DE 1879

Eu li a tua carta de 21 de março, que recebi em 18 de abril. Você tem que ter paciência. Espero que tu não tenhas ficado chateado por não ter ainda recebido a nota promissória. Você deve compreender que, quando se trata de administrar propriedades dos outros, devemos ter paciência e respeitar algumas regras de natureza administrativa, seja no meu caso, seja no teu.

Além disso, tem que entender que as minhas palavras não são uma reprimenda nem para os artistas nem para você, mas simples conselhos e explicações úteis para melhorar.

Domenico Givanni, no dia 21 de março, me escreveu uma carta bonita pedindo novos trabalhos. Eu respondi que compreendo as dificuldades de todos, mas que aqui a situação está complicada. O câmbio é de 400 réis por cada franco, além das despesas das taxas de expedição. Geralmente, o valor do franco é de 400 réis, isto é, mil réis igual a dois francos e meio (um florim de ouro), mas não vamos nos preo-

cupar, Nossa Senhora ajudará, dado que em 7 anos enviou mais de 1.600.000 francos.

O meu medo é que eu não consiga ver essa igreja terminada e depois voltar à minha pátria. Paciência; os meus ossos permanecerão no Brasil. Alegria então, junto com fé e coragem.

No dia 2 de maio fazem 50 anos que tenho vestido o hábito; honestamente me parece o ano passado. Sendo o dia 2 uma sexta-feira, que para nós é dia de jejum, o Padre Prefeito decidiu que a festa será feita domingo, dia 4. Naque-la ocasião, brindaremos a Nossa Senhora com as garrafas de Valpolicella (vinho de alta qualidade do território veronês).



4ª CARTA DE 14 DE MAIO DE 1879

Finalmente, depois de 4 meses de viagem, o navio Lycurgus chegou. No momento em que escrevo essa carta, estou controlando os 172 pacotes da carga.

Infelizmente, as rupturas dessa carga são muitas: a maioria dos degraus de pedra branca de Ferrari está quebrada. O estrago pior foi no pacote 157, onde estavam os desenhos do altar e a posição, em um papel, dos mármores no chão. O capitão do Lycurgus, sabendo que nos pacotes tinham pedras, usou esses pacotes como peso estabilizador e então ficaram na umidade e na água marinha com sal.

Escreve também uma carta ao Ferrari para advertir de melhorar a embalagem. Por exemplo, o bom Armano empacotou muito bem os trabalhos dele e as obras estão perfeitas.

Fala com o Givanni que recebi os três baixos-relevos, mas todos em pedaços e com desordem. Estavam divididos de maneira não clara e tive que pedir a um marceneiro português para usar muita cola para juntar tudo.

Também o baixo-relevo do Cavalheiro Bezarel teve prejuízos. A mão de Nossa Senhora que tem o cetro tem um problema, e então pensei em recorrer a um ourives de Recife que está tentando inserir um parafuso na mão e assim melhorar a obra.

Estou esperando a resposta sobre a fundição dos sinos, e da sociedade veneziana informações sobre os mosaicos.

O Givanni enviou dois nichos e agora estou esperando os outros dois para o Altar da Mãe Dolorosa, altar que o Ferrari deveria terminar, mas não sei quando.

O Padre Prefeito está esperando terminar a igreja e desejaria celebrar a solenidade de Nossa Senhora da Penha na nova igreja, terminada em setembro de 1880. Eu, porém, duvido. Vamos ver.



5ª CARTA DE 11 DE JUNHO 1879

Respondendo à tua carta de 9 de maio, confirmo que os baixos-relevos são 14, como foi pedido ao Givanni, mas, infelizmente, os quadros são 13.

Praticamente há duas versões da purificação e falta aquela das orações. por isso, explica ao Givanni que, quando receber o quadro nº 14, enviarei de volta o quadro errado (em Veneza), sem custo para ele. Estamos terminando de arrumar o altar do sagrado coração e eu gostaria, depois de pedir a opinião do padre prefeito, de posicionar o coração no centro do altar.

Além disso, coração em metal dourado.

Por isso te envio um pedido para o ourives Stocchero.

Em relação à viúva Marzegan, lamento muito, mas ela está errada se pensa em evitar as normais perdas do câmbio, que mais ou menos seriam uns 25%.

Ela deveria receber do banco 26.000 réis, que seriam 215 francos, agora... eu poderia enviar alguns pagamentos iniciais, mas seria melhor esperar um câmbio melhor. até

aquele momento, pode dizer-lhe que o seu pequeno capital está em segurança.



6ª CARTA DE 07 DE JULHO DE 1879

Por que você decidiu utilizar uma nota promissória que tem que ser paga em dois meses? Se fosse um ano, diria que a tua escolha seria muito lógica, mas uma de dois meses de transação não pode funcionar; só para enviar a carta, receber e responder, os dois meses já se passaram. Atenção: notas promissórias são muito úteis nas negociações, mas podem também ser a desgraça e o descrédito de muitos ingênuos.

Você deve também entender que a nossa situação é muito difícil. O Padre Prefeito, um mês atrás, tentou mudar 10 mil francos para ter 300 libras, mas não encontrou nenhum banqueiro que aceitasse o câmbio. Agora ele partiu para uma remota missão e, com essas ruas horríveis, dificilmente poderá voltar antes do 15 de agosto. A tesouraria desta administração é gerenciada e administrada por ele.

Agora, pergunto eu: o que se pode fazer?

...

Tem que aprender a ser mais cuidadoso, porque se não podemos brincar com os artistas, também os artistas deve-

riam ser mais educados e amáveis com quem lhes trouxe muito trabalho, ganhos e honra.

Terminamos os trabalhos na cúpula e, depois de ter tirado as estruturas de sustentação, eu fiquei com uma inteira floresta de madeira e não sei onde armazená-la.

Faltam-me os vidros nas janelas, por isso devemos pressionar o Marchetti para enviá-los, porque as chuvas são frequentes e os ventos marinhos empurram a água dentro das janelas e começa a estragar-me os estuques e os outros trabalhos.

Deus e Maria Santíssima sejam benditos e agradecidos sempre. Hoje recebi a notícia que o câmbio foi aceito e temos 7.500 francos de ouro. Agora, quando voltar o Padre Prefeito, te enviarei uma ajuda para pagar todos.



7ª CARTA DE 13 DE AGOSTO DE 1879

No dia 3 deste mês chegaram de navio as 5 caixas de Armano, a estátua de Belcaro e a estátua de Givanni.

Cada dia depois dessa remessa para mim foi um trabalho de fadiga como o de um boi por culpa dos senhores artistas que, embora eu continue a escrever para numerar as caixas e explicitar o conteúdo de cada uma, eles continuam a enviar as obras de forma desordenada.

O único sério e organizado foi o Armano, que escreveu com extrema precisão o conteúdo de cada caixa, permitindo-me terminar o trabalho em pouco tempo e sem fadiga.

Recebi os desenhos para posicionar todas as partes do Altar-Mor do Squarise, mas a maioria das peças não tem indicação e, então, devo enlouquecer para consertar tudo.

Outro problema é que na escada de ferro enviada pelo Givanni faltam 9 degraus, enquanto nos meus desenhos havia 30! Faltam até balaústres e corrimãos que estão nos desenhos do contrato.

Recebi duas caixas, nº. 113 e nº. 114, de Zanetti, onde encontrei os anjos solicitados, mas além de não serem totalmente dourados, como no meu pedido, as pernas e os braços não estão colados.

Quando você escrever ao Ferrari, recomende-lhe enviar-me seja um desenho claro do Altar da Dolorosa, seja de especificar claramente o conteúdo de cada caixa.

Fala com o Stocchero, salientando que as chaves dos tabernáculos devem ser duplas, porque no caso de perda, o que poderíamos fazer na urgência de um moribundo com os últimos ritos?

Envie-me algumas garrafas de vinho das colinas Béricas. O Padre Prefeito gostou muito delas e também no meu caso são muito úteis para as minhas pernas fracas. Quando for possível, enviarei os pássaros que o teu amigo me perguntou...



8ª CARTA DE 10 DE SETEMBRO DE 1879 / AO SOBRINHO PROFESSOR GIROLAMO DANI

Gosto muito do projeto do Cavalheiro Bezarel, sobre o qual, no começo, tinha algumas dúvidas.

Quando você o encontrar, descreva-lhe o que lhe relatei no mês passado. Tivemos a festa anual da Nossa Senhora da Penha. Nessa ocasião, além do tabernáculo do Altar do Sagrado Coração, eu quis expor a toda a população presente a beleza do magnífico baixo-relevo do nosso grande artista Bezarel e, posso referir, que todo o povo não parava de admirar e magnificar o esplêndido trabalho.

Em relação às questões económicas, decidimos que nunca mais pegaremos dinheiro através de notas promissórias, mas que preferimos ter obrigações garantidas com tempo disponível para a cobrança.

A cambial pode ir na mão de um judeu e aí estaremos em um tribunal com todos os clássicos problemas.

Sempre em relação ao Ferrari, quando você for a Verona para falar com ele não seja muito condescendente,

porque o Ferrari é um bom artista, mas é também um bom falador e depois, na discussão, ninguém entende de quem é a culpa dos erros.

Amanhã de manhã partirei para a Colônia Isabel, onde espero respirar melhor e recuperar a minha plena saúde. Como última coisa, pode pedir ao Givanni para esculpir uma estátua alta um metro e 55 centímetros de S. Benedito, sem discussões. O preço estabelecido é de 600 liras italianas.



9ª CARTA DE 30 DE OUTUBRO DE 1879 ENVIADA À COLÓNIA ISABEL

O projeto do Cavalheiro Bezarel está aprovado. Quando ele terminar o trabalho, pague a quantidade de dinheiro que o próprio Bezarel te pedir.

Relativamente a Stocchero, não me lembro nem o número dos candelabros e nem a altura deles, porque os dados deste trabalho estão em Recife. Quando terminar os primeiros, tenciono encomendar ainda uma dúzia semelhante de cerca de 40 centímetros.

Falando de Givanni: no contrato tinha um baixo-relevo de mármore de Carrara onde deveriam estar anjos, querubins e festões teatrais. Por que tem somente os querubins? A razão é porque ele já tinha feito essas estátuas (para um outro cliente?), mas o problema é que os querubins são demasiado grandes para o espaço disponível, não podendo mais inserir os festões.

Por esse motivo, o padre prefeito deu-me ordens de não enviar a Givanni nem um centavo e ele será pago pela

obra do altar somente quando for terminado. Em relação aos outros trabalhos já pedidos, ele pode até começar, mas não terá nenhum adiantamento até que seja terminado o altar.

Nós começamos a construção dessa igreja com somente 800 mil réis de caixa, isto é, 2.000 francos, e nunca suspendemos os trabalhos nem por um só dia.

Além de gastar, até agora, 1.600.000 francos sempre com o Givanni, seria melhor que ele tivesse aceitado a quantia de 200 liras para as duas estátuas, porque o benfeitor não quer doar mais de 200! Além disso, temos a perda do câmbio, e o Padre Prefeito, até com palavras doces, me disse que os benfeitores não podem continuar a doar todo aquele dinheiro.



10ª CARTA DE 17 DE NOVEMBRO DE 1879 ENVIADA DA COLÔNIA ISABEL

Foram atendidas as orações da maioria do povo pernambucano, para que eu pudesse melhorar a minha saúde e terminar essa obra santa da Grande Mãe de Deus.

O Padre Prefeito me escreveu que, depois de ter pedido ao povo para orar por mim, nunca mais viu tanta comunhão e tanto fervor.

O meu restabelecimento é uma graça especial de Nossa Senhora, porque o mês passado tinha as pernas tão inchadas que pareciam colunas e precisava de três homens para me transportar, enquanto agora todo o inchaço desapareceu.

Aqui na Colônia Isabel não me falta nada. O Padre Prefeito me enviou até as caixas de vinho Bordeaux e Porto.

Relativamente ao Padre Prefeito, ele está muito preocupado com a questão dos pagamentos dos artistas. Ele já partiu para Bahia e Rio de Janeiro para procurar dinheiro com os milionários que ficam sempre perto da Corte Imperial. Fala com os artistas e peça-lhes que tenham paciência;

é só uma questão de tempo, mas podem ter certeza que não perderão um centavo.

P.S.: Se tiver a possibilidade, envie-me o livro de Padre Afonso Rodrigues, “Exercício de Perfeição nas Virtudes Cristãs”, 1756, na loja do livreiro Ernesto Oliva em Milão.

SEGUNDA PARTE

A BASÍLICA NOSSA SENHORA DA PENHA: CONTEXTO E INCURSÕES ARQUITETÔNICAS E ARTÍSTICAS³

-
- 3 Participação e colaboração nesta segunda parte do Prof. Carlos Alberto Barreto Campelo de Melo. Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Mestre em Gestão em Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco – Fundaj. Especialista em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE / MDU. Pós-graduação: International Course In Housing, Planning and Building pela Erasmus University / Institute for Housing Study - BIE/ IHS. Arquiteto pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Atuou como professor da Universidade de Pernambuco (UPE), da Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA; da Faculdade de Filosofia de Pernambuco (FAFIRE). É membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP); da Academia de Artes e Letras de Pernambuco (AALPE); da União de Escritores do Brasil, seção de Pernambuco (UBE/PE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5741-5336>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6649591008401012>; E-mail: campelomelo@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A Basílica Na. Senhora da Penha (Anexo III – **imagem 1**), no Recife, constitui exemplar incomum estilístico dotado de singulares obras o que se justifica a exposição da obra arquitetônica e de revelações artísticas. Além do próprio prédio que contrasta com as nossas igrejas barrocas, e merecedor de esclarecimentos quanto ao estilo no Brasil, o neorenascentista, sua origem e peculiaridades, há obras de artes situadas tanto na fachada como no seu interior sem o devidos estudos quanto ao estilo e autoria e muito menos divulgação. Entre essas, citam-se os “*vero*” afrescos, esculturas e baixos-relevos em mármore e em madeira, de excepcionais qualidades.



CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTILOS DO SÉCULO XIX

A Basílica foi projetada no final do século XIX, período em que emergiram estilos já registrados na trajetória da história em todas as áreas das manifestações humanas, seja na literatura, na música, na pintura, na arquitetura Gombrich, (1999). “A época era de revoluções: a americana, a francesa e a industrial” (Strickland, 2003, p. 80) e as duas últimas influenciaram decisivamente sobre os estilos nesse século e para entendermos, particularmente, a Basílica como obra arquitetônica, vamos situá-la no contexto do final desse século, em que foi projetada, período em que já haviam se desenvolvido estilos influenciadas pelas duas revoluções. Os estilos podem ser classificados em dois grupos: os que se reportaram ao passado e aqueles outros que se voltaram para novos horizontes decorrente da Revolução Industrial. Entre os estilos enquadrados no primeiro grupo, situam-se o neoclássico e o romantismo. O primeiro se voltou para os clássicos – o grego e o romano, enquanto que o romantismo

resgatou outros estilos, principalmente os da idade média, surgindo daí, o neorromânico, o neogótico. Quanto ao segundo grupo, pós-revolução industrial, advieram o realismo, o ecletismo e o art nouveau. Nasce, daí, a arquitetura moderna, devido “as modificações técnicas, sociais e culturais relacionadas com a Revolução Industrial” (Benevolo, 2009, p. 13).

O neoclássico já vinha ressurgindo das cinzas com as revelações feitas devido as escavações de Herculano e Pompeia, ainda no século XVIII, mas foi com a Revolução Francesa, no final desse século, momento decisivo na história europeia que esse estilo se firmou. A partir da França, ocorreu a oficialização desse estilo, indicado pelos teóricos da revolução como sendo próprio para o novo regime “com a ênfase do Iluminismo na classe e na razão” (Strickland, 2003, p. 89). Entendiam, com isso, que o rótulo das fachadas clássicas refletiria a democracia dos gregos, seus idealizadores, procurando escamotear, dessa forma, o período do “Terror” que se iniciava.

Posteriormente, no segundo quartel do século XIX, em sequência ao neoclássico, surge o romantismo com características mais lúdicas e místicas. Segundo Benevolo (2009, p. 82) “[...] essa possibilidade concretiza-se em um verdadeiro e próprio movimento, que se apresenta com motivações precisas, quer técnicas, quer ideológicas, e que se contrapõe

ao movimento neoclássico”. Além dessa resposta, esse estilo surge, também, como inquietação e não aceitação das mazelas decorrentes da revolução industrial. Buscavam-se por valores perdidos, e foram buscar na idade média, tais como: i) a humanização, uma vez que, com a revolução industrial, o homem tornava-se robotizado em decorrência da mesmice repetitiva da linha de produção; ii) uma organização no trabalho mais comunitária, ao invés da centralização de da empresa; iii) por uma arquitetura mais verdadeira que, ao contrário do neoclassicismo, não escamoteasse a sua estrutura. E isso, encontrava-se nas estruturas do gótico, com o esqueleto das abóbadas de nervuras e nos arcos botantes; iv) ainda, por uma arquitetura que sua plástica revelasse a função do prédio, como as catedrais e as universidades.

E nessa busca, voltou-se, novamente, para o passado, dessa vez, não mais à antiguidade clássica, mas à idade média. Assim, om valores mais sentimentais e individuais, surge o romantismo. No entanto, o advento desse “[...] novo estilo não substitui nem se funde ao anterior, como ocorria em épocas passadas, mas ambos permanecem um ao lado do outro como hipóteses parciais [...]” (Benevolo, 2009, p. 82)). A esse novo revival, particularmente, na arquitetura, foi denominado de historicismo, cujo resgate se deu de forma mais enfática nos estilos da idade média, destacando-se o românico e o gótico. Na releitura desses estilos, agora pas-

sados oito séculos, foram denominados de neorromânico ou de neogótico. Além desses, igualmente, foram resgatados, desse período, porém, com menos frequência, o bizantino e o paleocristão e, ainda, fora da idade média, mais dois estilos da idade moderna, o renascimento e o barroco, o que passaram a ser denominados de neorenascimento e neobarroco.

O resgate de cada estilo se deu de forma lógica dentro do próprio espírito do romantismo, em que cada povo procurava enaltecer de forma nostálgica obras executadas em memorável época considerada motivo de orgulho, das quais tivessem de se envaidecer. Dessa forma, a Inglaterra votou-se para o gótico Tudor por ser o estilo de uma época, considerada pelos românicos, áurea dessa nação, em que reinava a dinastia Tudor. Esse gótico tardio inglês, foi reproduzido tanto na arquitetura doméstica como nos prédios públicos, e nesses principalmente, e por determinação expressa em decreto real, teriam que ser erigidos nesse estilo. Na França, por sua vez, verificou-se a proliferação do gótico flamejante, tão recorrente na idade média e na Alemanha, já resgataram o otaniano.

É inserido nesse contexto em que os arquitetos são solicitados para projetarem as obras em algum dos estilos já citados ou, ainda, a mesclarem elementos do repertório de estilos diversos numa combinação em uma única obra, o que vem a ser o ecletismo. Recorrendo ao historicismo ou

ao ecletismo, alguns criticam o que faltou nessa “[...] era de imitação, foi originalidade” (Strickland, 2003, p. 96).

Particularmente, o revival barroco, o neobarroco, teve seu desenvolvimento, no norte da Itália, região em que já havia sedimentado a tradição do barroco, nos fins do século XVI, com os Carraci e seus seguidores. Também, na Áustria, sobretudo a partir da última década, floresceu dentro do contexto patriótico, característica ainda remanescente do romantismo, em que resgata uma evocação nacional de um passado, o que no caso, foi o florescimento econômico e cultural do país no século XVII, período em que se manifestou o barroco tardio.

Nessa mesma região, no Veneto, desenvolveu-se um estilo bem particular, ou melhor, uma variante do estilo, o renascentista tardio, a partir do arquiteto Andrea Palladio (2002) expandindo-se para a Inglaterra e, daí, para os Estados Unidos (Pevsner, 2002). Formavam-se as bases para o revival, denominado neorenascimento.

Das considerações acima, sobre o contexto em que floresceram os estilos do século XIX, destacamos para o nosso trabalho acerca da arquitetura e esculturas e entalhes da Basílica de Nossa Senhora da Penha, o neorenascimento, o neobarroco e o ecletismo, cujas obras iremos apresentar a seguir.



A BASÍLICA E SUAS OBRAS

A Basílica Nossa Senhora da Penha situa-se na Praça do Mercado de São José, em um bairro central do Recife e constitui-se como núcleo religioso popular pela sua tradicional bênção de São Félix e por ter sido a base missionária do Nordeste do carismático e popular Frei Damião de Bozzano, em fase de beatificação.

A imponência do prédio com características clássicas reflete sua origem “cinquecentista” com cúpula central dotada de lanternim encimada por um zimbório com a escultura da padroeira Senhora da Penha. Especificamente, a Basílica apresenta vínculos com a região de Veneto, situada no norte da Itália, região de Andrea Palladio, protagonista de um estilo próprio do renascimento tardio (Teoria, 2003). São evidentes as aproximações da Basílica de Nossa Senhora da Penha com duas obras palladianas, Il Redentore (Anexo III – imagem 2), e Basílica da Penha (Anexo III – imagem 3), ambas situadas em Veneza. Verificam-se, entre outros aspectos, pela semelhança da fachada (Anexo III – imagem

4), com a leitura dos frontões e a cúpula, essa ladeada por singulares torres tipo “minarete”. Desconhecimento dessa peculiaridade do renascimento tardio dessa região da Itália, do agrupamento de torres com essas feições variadas, tender-se-ia a enquadrar a Basílica de Nossa Senhora da Penha, equivocadamente, como sendo eclética.

Outro indício de que a inspiração do projeto da Basílica advém dessa região é que provém dessa mesma região de Veneto, os arquitetos autores dessas obras. Frei Francisco Maria, responsável pelo projeto da Basílica da Penha, é natural de Vicenza, enquanto Andrea Palladio, responsável pelos projetos de Il Redentore e de San Giorggio Maggiore, é natural de Pádova, com vários trabalhos de destaque em Vicenza, como as vilas palladianas. Além disso, esses prédios são da ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ou seja, da mesma ordem que as encomendou. Curiosidade, é que frei Francisco foi representado no baixo relevo no pátio do altar mor de autoria de Valentino Besarel (Anexo III – imagem 5a e Imagem 5b). Tal semelhança, pode-se comparar com o quadro óleo sobre tela de autoria de Giovanni Busato, pintado em 1880, dois anos após o falecimento de arquiteto, atualmente presente nas coleções do museu de Vicenza.

A configuração da planta baixa da Basílica (Anexo III – imagem 6) apresenta uma cruz latina com uma nave central

e duas laterais onde se distribuem seis altares de cada lado que se unem por deambulatório onde estão dispostos quatro altares. Na capela Santíssimo, encontra-se uma escultura típica de uma coroa sendo segurada por dois anjos. Por toda a extensão do altar-mor ao coro, encontram-se obras de entalhes e de pinturas conforme indicadas na relação abaixo. Destacam-se a exclusividade dos afrescos situados nos penachos de autoria de Murillo Lagreca (Melo, 1999), considerados como os únicos afrescos de grande porte no Brasil, nessa técnica do “vero afresco” (Anexo III – imagem 7).



A AUTORIA DAS OBRAS ARTÍSTICAS

A região de Veneto, a mesma dos autores das igrejas citadas, é frutífera em artistas das obras de esculturas, baixos relevos em madeira e em mármore, e de onde provieram os artistas da Basílica da Penha. Os trabalhos estiveram sob a orientação de Frei Francisco de Vicenza, o arquiteto que projetou a Basílica. Na sua ausência, enquanto estava no Brasil, seu sobrinho, Dani Girolamo, é quem estava coordenando as empreitadas, desde os pagamentos aos artistas ao transporte terrestre e marítimo. As encomendas ora foram feitas diretamente nos atelieres dos artistas, com Besarel, ora solicitadas a instituições que se encarregava de indicar artistas a altura do empreendimento. A Sociedade Fraricalle Albanesi, de Veneza, ocupou-se dos mosaicos, pisos de mármore e reprodução de quadros; a Academia de Belas Artes, de Veneza, de indicar um pintor de afresco. Entre essas obras, destacam-se os entalhes localizados nas portas da fachada, à semelhança das “Portas do Paraíso” de Lorenzo Ghiberti; a do púlpito, do coro, da capela do Santíssimo, além da escul-

tura da Madona situada no Zimbório.

Citam-se, entre os principais artistas que contribuíram pela “magnificenza ed eleganza del Templo di Recife”: os escultores Pietro Belcaro, Domenico Givanni e Giovanni Armano, o entalhador (“ebanista”) Antonio Zanetti, o ourives (o “argentiere”) Antonio Stocchero, e sobretudo, o notável pintor Agostino Bottazzi. Citam-se ainda, Antonio Soave, Antonio Squarise, Bartolomeu Bottazzi; escultor Giuseppe Giorgetti, o entalhador Domenico Marzegan e o ferreiro Felice Concato.

Atribui-se a Domenico Givanni a estátua colossal de Maria (Anexo III – imagem 8), encimada no zimbório, revestida em folhas de cobre por Bartolomeu Bottazzi, a quem também se encarregou de cobrir a majestosa cúpula (Anexo III – Imagem 9). Para instalação da imponente estátua, por seu elevado peso de 1.600 kg, para alçá-la e assentá-la na cúpula recorreu-se da consultoria solicitada pelo próprio Frei Francisco de dois arquitetos – Negrin e Dalla Vecchia; Antonio Belcaro, que escupi doze estátuas de grandes dimensões, 10 das quais encontram-se como decorativas da fachada (Anexo III – imagem 10); Giovanni Armano trabalhou nos umbrais das três portas das fachadas em pedra de Ístria⁴, adornos refinados em baixo relevo, bem como as pi-

4 **Pedra Ístria**, assim denominada como forma linguística do 800’ para indicar a proveniência da província de Capodístria, na região de Friuli, que pertencia ao então império AustroÚngaro. Região bem do conhecimento do Frei Francisco, que por

lastras adossadas às paredes do altar lateral de Nossa Senhora de Lourdes. Frei Francisco, dele tinha maior apreço, conforme registrou em carta ao sobrinho Professor Girolamo Dani, em 14 de maio de 1879: não só pelas suas obras tão perfeitas, mas também pelo zelo com que embalava as obras em pacotes, cuidado indispensável para um transporte de obras delicadas, com quatro meses de duração entre terra e mar. Agostino Bottazzi, que pintou em “falso” afresco na nave central, as três Cenas da Virgem – A Coroação, A Dormição e A Assunção (Anexo III – imagem 11); Antonio Zanetti elaborou as três figuras da caridade de Santa Isabel Rainha e uma rica e elegante coroa sustentada por anjos (Anexo III – imagem 12). Originário de Murano, Zanetti transferiu-se para Vicenza onde, em torno de 1860, aos 20 anos, montou uma pequena marcenaria, transformando-a numa indústria, dedicando-se à produção de mobiliário antigo entalhados, com 40 operários. Na ocasião, tinha encomendas na Áustria, Inglaterra, Rússia e América, conforme assinala o “*Bolletino di notizie commerciali*”, de Roma, em 29 de janeiro de 1879. Como reflexo de sua notabilidade, participou da Exposição de Turim, em 1884 e como tributo de suas qualidades de precisão e bom gosto, o seu atelier mereceu Menção Honrosa no concurso do Regio Istituto Veneto de Scienze, Lettere ed Arti, em Veneza.

quatro anos permaneceu nessa região e da qualidade da pedra

O altar mor (Anexo III – imagem 13) é oriundo de uma outra igreja de Vicenza - a Chiesa delle Convertite, adquirida por Frei Francisco e remontado na Basílica da Penha por Giuseppe Giorgetti, Squarise e Soave que executaram em biancone.

É de singular beleza e qualidade de entalhe Exposição do Santíssimo Sacramento (Anexo III – imagem 14), de autoria atribuída a Domenico Givanni. A obra situada na culminância do altar, apresenta os anjos adoradores ladeando o resplendor da custódia, com 2 querubins descortinando a cena, tal como cenário próprio do barroco. Trata-se de uma obra no enquadramento estilístico neobarroco difundido na região de Veneto e Áustria, tendo como outro exemplo, as obras de artistas da família Besarel.

Valentino Panciera, cujo apelido era Besarel, nasceu na província italiana de Belluno em 1829. Os Besarel, se dedicavam a escultura em madeira há gerações.

As dificuldades econômicas da família impediram que Valentino e seus irmãos tivessem uma educação regular. Somente no final da década do 1840, Valentino estudou por um curto período de tempo na escola de desenho de Antônio Federico em Belluno.

Um ponto de virada na carreira do jovem Besarel aconteceu com o encontro com o arquiteto Giuseppe Segusini que, tendo-o visto trabalhar com o pai na área da decoração

de uma igreja de Acordo, ajudou o garoto a pagar os estudos para estudar na academia de belas artes de Veneza, que Basarel frequentou do 1853 ao 1855.

As primeiras obras de Basarel foram 4 estátuas de madeira representando os 4 evangelistas, na Catedral de Belluno.

Em 1861, ele participou da primeira exposição de importância nacional, em Florença, onde ele ganhou uma medalha, apresentando uma estátua da Virgem.

Após os anos 60, ele se mudou para Veneza, recebido com honra e fama, tanto que se tornou fornecedor oficial das principais monarquias do continente europeu. Nem mesmo o acidente que o fez perder 4 dedos de uma das mãos conseguiu interromper sua atividade artística.

Até mesmo sua filha Caterina dedicou-se a escultura, recebendo, entre outras coisas, uma sólida formação acadêmica.

Valentino Basarel, destacado artista com ateliê em Veneza, é oriundo de uma família de quatro gerações de entalhadores, trabalhou na região de Veneto, considerado o maior escultor do final do século XIX. Teve entre os seus clientes, a nobreza italiana e a austro-húngara, o que lhe valeu o título de o “escultor dos monarcas” (Angelini, 2002). Como enquadramento estilístico, sua obra encontra-se no contexto de um movimento neobarroco, que se manifestou

naquela região, retomando-se os adereços rebuscados, e temas, como anjos organicamente entalhados. Portanto, os trabalhos existentes na Itália atestam as aproximações entre os entalhes da Basílica, os anjos em adoração no altar-mor e no coro, além dos anjos e coroas da capela do santíssimo⁵. A elucidação dessas obras de entalhe, revela uma adição ao acervo internacional desses renomados artistas, destacando-se a rara porta em baixo relevo, e elevará mais o patrimônio artístico da Basílica da Penha.

As três portas da fachada da Basílica estão enriquecidas com 14 quadros em baixo relevo em madeira com cenas da Virgem Maria. A autoria dos magníficos entalhes é atribuída por Givanni, conforme registros de o panegírico de Zanela a Frei Francisco⁶. Em carta do Frei Francisco ao seu sobrinho (11 de junho de 1879), ele confirma que os 14 baixos relevos foram encomendados a Givanni. Inclusive, lamenta que tenham vindo duas versões de um mesmo tema – o da Purificação de Maria, e solicita providências para corrigir o engano.

Um observação se faz sobre a porta direita que, distinta das duas outras, ela não é de entalhe de madeira, mas de metal fundido. Algumas versões são levantadas, sendo

5 Entre dezenas de obras mármore, podem-se apresentar semelhanças entre esses e os anjos do Tabernáculo da igreja de São Rocco e a Palla da igreja de Belluno. Além desses, os querubins e as Madonas são idênticos entre as obras citadas: o Angioletto na Madonna do Patrocínio na igreja de Villa piccola de Auronzo, o Putto da igreja paroquial de Porta de Caddore; Madonna de Cesion maggiore; a Virgine Del Rosario de San Floriano.

6 Il Givanni entalhou as três portas da fachada com representações de fatos da vida de Maria (Il Berico, Ano V, N 4 de 11 de janeiro de 1880,)

questionado o fundamento: Entre os extraordinários baixo relevos, destaca-se a beleza do entalhe A Anunciação, de singular expressão da doce e suave curvatura da Virgem, com aproximações com a do mesmo tema de Sandro Botticelli.

Os dois púlpitos apresentam baixo relevos destacando-os delicadamente entalhados – a entrega das Chaves dos Cés a São Pedro (Anexo III – imagem 15).

Contudo, o último grande artista que enobreceu o interno da Basílica com três afrescos que contemplam uma nova perspectiva da vida no céu (Anexo III – imagem 16). Esse homem extraordinário chama-se Agostino Bottazzi, nasceu em Vicenza no 1822 em uma das clássicas famílias numerosas da Itália daquele período, e foi o maior de 9 irmãos e irmãs. Terminou os estudos locais em 184, e estudou por 5 anos pintura em Veneza na academia de Belas Artes. Após seu retorno em Vicenza, iniciou sua carreira artística como pintor, graças às diversas comissões religiosas e civis.

Não obstante, foi na Catedral de Vicenza que Agostino Bottazzi, pintou um afresco representando Maria que abençoa a Cidade e, enquanto isso, fez também diversos retratos da nobreza local. No ano de 1848 participou das batalhas contra o império Austríaco, durante as guerras de libertação do ressurgimento italiano, que envolveu boa parte da população italiana, conforme já relatado nesse livro com as experiências de guerra do arquiteto Negrin e a detenção de Frei

Francisco Maria de Vicenza. A obra fundamental sobre sua experiência bélica intitula-se: Defesa e Sgombero da Rocchetta, 24 maio 1848, atualmente presente nas coleções do Museu Cívico de Vicenza.

Após as experiências da luta patriótica, Agostino Bottazzi viveu uma década no exílio, morando seja em Turim, onde pintou o retrato de Giangiorgio Trissino, aquele que descobriu o Gênio do Palladio na cidade de Gênova, onde fez os afrescos da igreja de Rapallo. De volta a Vicenza continuou o trabalho de retratista da nobreza da cidade. Produziu também obras para diversas encomendas, por exemplo, um altar tendo como sujeito o Bom Pastor para a igreja dos Capuchinhos de Trieste, uma igreja projetada por seu amigo Frei Francisco Maria de Vicenza. Em 1877 concluiu o afresco sobre a História do Trabalho, na fachada de Palazzo Thiene, atualmente sede do Museu Cívico de Vicenza. Successivamente foi chamado por seu amigo Francisco Maria para Recife onde começou a grande aventura dos afrescos da Basílica da Penha, e onde morreu de febre amarela.



REFERÊNCIAS⁷

ANGELINI, Giovanni. **Gli scultori Panciera Besarel di Zoldo**. Belluno: Provincia di Belluno, 2002.

BETTO, Bianca. Francesco Maria da Vicenza architetto cappuccino. **Rivista Aevum**. Milano: Vita e Pensiero, 1965.

BETTO, Bianca. Francesco Maria da Vicenza architetto cappuccino: l' epistolario. **Rivista Aevum**. Milano: Vita e Pensiero, 1965.

BETTO, Bianca. **Francesco Maria da Vicenza: l' uomo e l' artista**. Roma: Editore Istituto storico dei frati minori cappuccini, 1965.

CARREGARO, Negrin Antonio. **Parole pronunziate sulla salma di Francesco Maria da Vicenza, cappuccino architetto, il 14 febbra 1880**. Tipografia Reale, Gir Burano, Vicenza, 1880.

⁷ Obras italianas referentes ao Frei Francisco Maria de Vicenza.

DANI, Girolamo; LORENZONI, Girolamo. **Onori funebri a Francesco Maria da Vicenza architetto, alla venerata memoria di Francesco Maria da Vicenza questa raccolta i riverenti nipoti consacrano.** Vicenza: Tipografia G. Burato, 1880.

FUSARO, Ermenegildo. **Contributi dell'arte italiana all' estero nelle opere di Francesco Maria da Vicenza, architetto.** Venezia: Chiesa di San Rocco, 1972.

ZANELLA, Giacomo. **Elogio di Francesco Maria da Vicenza, architetto cappuccino al secolo Matteo Lorenzoni.** Vicenza: Tipografia Paroni, 1880.



REFERÊNCIAS⁸

EVENS, Bernd. **Teoria da arquitetura**: do renascimento aos nossos dias. Koln: Taschen, 2003.

GOMBRICH, Ernest Hans. **A história da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.

MELO, Carlos Alberto Barreto Campelo. **Murillo la greca, sua arte, sua vida**. Recife: Bagaço, 1999.

PALLADIO, Andrea. **Os quatros livros da arquitetura**. São Paulo: Hucitec, 2009.

PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SGRICKLAND. Carol. **Arquitetura comentada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

⁸ Obras em português do Brasil.

ANEXO I

OBRAS DE FRANCISCO MARIA DE VICENZA NA EUROPA

Progetti di Chiese e Fabbricati disegnati, parte eretti con direzione o sorveglianza, e parte consegnati i disegni ect.⁹

- n. 1) Chiesa e Convento per cappuccini in Verona, posti i fondamenti fino sopra i volti, e alcune visite per l'intero suo Compimento.
- n. 2) Chiesa e Convento pei cappuccini in Trieste; amministrazione e direzione fino al compimento della Chiesa e un braccio del Convento Chiesa e Convento come sopra a Tuvani in Corsica. Direzione per le fondamenta fino alle imposte degli archi.
- n. 4) Chiesa e Convento idem pei Cappuccini in Francia (Bajona) consegnato ai Padri Cappuccini tutto il progetto dalle fondamenta.
- n. 5) Progetto di riduzione e ingrandimento del Convento e Chiesa in Bonifacio (S. Giuliano).
- n. 6) Progetto eseguito di un'aggiunta di un braccio di convento de' Cappuccini in Bastia di Corsica.
- n. 7) Ingrandimento della Chiesa Parrocchiale e nuovo

⁹ Projetos de igrejas e construções desenhadas, m parte construídas sobre o controle do arquiteto e outra parte entregue a outros profissionais.

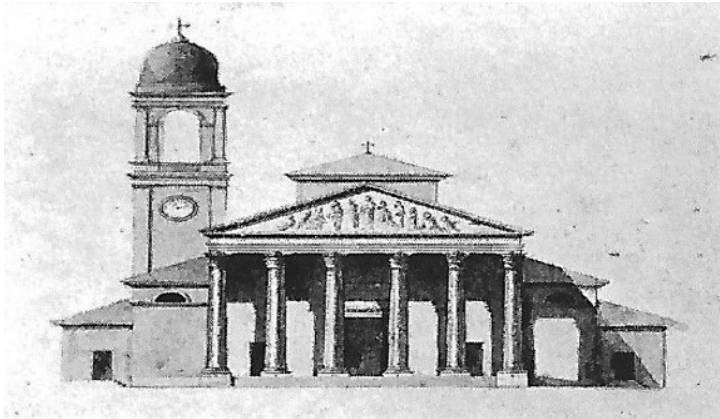
campanile in Cardo presso Bastia in Corsica. Approvato dal Governo di Parigi; consegnati tutti i disegni alla Fabbriceria Parrocchiale.

- n. 8) Progetto di ristauo generale e radicale con riduzione interna del Convento del SS. Redentore in Venezia. Con direzione condotta al suo termine.
- n. 9) Riduzione e ristauo con aggiunte del Convento e Chiesa de' Cappuccini in Conegliano, nonché l'altare maggiore; tutto eseguito.
- n.10) Chiesa Parrocchiale grande d'ordine Ionico, e facciata Dorico, consegnati i disegni per l'esecuzione. Sottomarina presso Chioggia.
- n.11) Progetto della Chiesa Parrocchiale di Casaleon sul Veronese; consegnato alla Fabbricaria.
- n.12) Ingrandimento della Chiesa Parrocchiale di Repentabor presso Trieste; eseguito.
- n. 13) Progetto d'ingrandimento della Chiesa Parrocchiale e nuovo campanile di S. Antonio vecchio, in Trieste eseguito.
- n. 14) Progetto dalle fondamenta del Duomo di Mostar in Erzegovina; poste le prime pietre; consegnato a Mons. Vescovo per l'esecuzione.
- n. 15) Tempio a tre navi dalle fondamenta in Siroch-Brighi in Erzegovina; nuovo braccio di convento de' PP. Minori Osservanti, in parte eseguito.

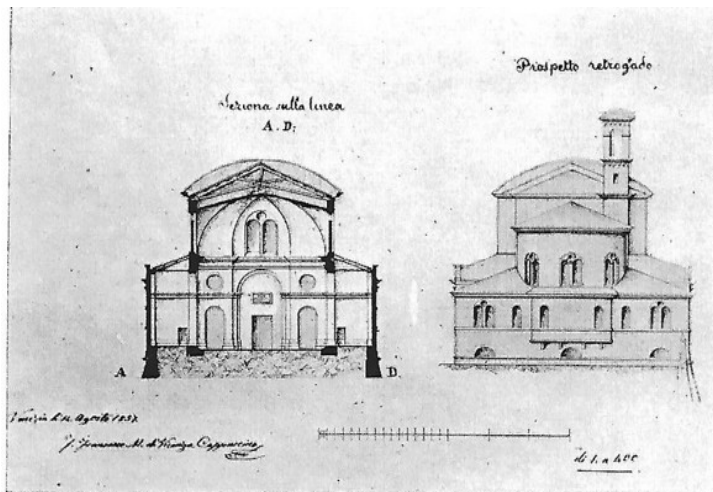
- n. 16) Chiesa, Convento e Seminario dei sudetti Padri. Progetto consegnato da erigersi dalle fondamenta in Erzegovina.
- n. 17) Chiesa Parrocchiale, casa canonica e scuole in Viglicis, idem.
- n. 18) Chiesa Parrocchiale in Moschi, idem, eseguita.
- n. 19) Altra Chiesa Parrocchiale a 4 leghe distante dai Moschi.
- n. 20) Progetto d'ingrandimento della Chiesa Parrocchiale d'Isola d'Istria.
- n. 21) Piccola facciata della Chiesa di S. Pietro nella parrocchia sudetta eseguita con direzione.
- n. 22) Altra piccola facciata eseguita della Chiesa di S. Giovanni in Muggia presso Trieste.
- n. 23) Piccola Chiesa e Convento per le Monache Terziarie in Trieste, consegnato, ma non eseguito.
- n. 24) Progetto per un ponte di pietra con sette arcate in Erzegovina per commissio imperiali, consegnato ed eseguito a spese del Sultano.

- n. 25) Progetto di restauro e riduzione del Convento delle Madri Benedettine in Trieste; con direzione e finito.
- n. 26) Progetto di riduzione e restauro del Conv. delle Suore di Carità in Gorizia per commissione del Vescovo, consegnato.

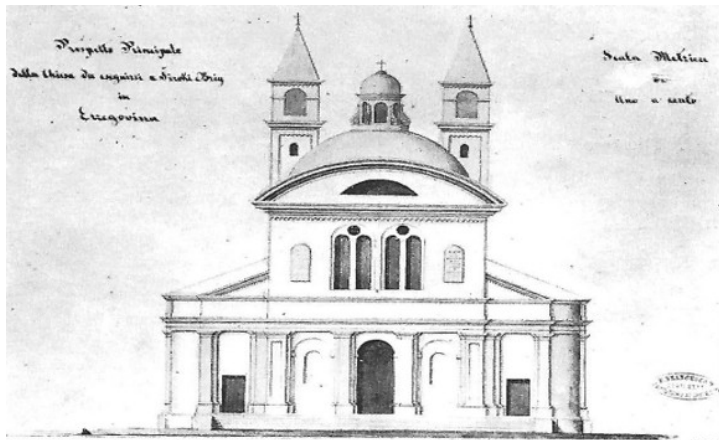
n. 27) Progetto per un casamento presso Belvedere per commissione del S. Bonaventura Malaspina in Corsica, servibile per abitazione, locanda e grande deposito di olio ed altri ogetti mercantili.



Progetto di una Chiesa per i Padri Cappuccini, n. 1.



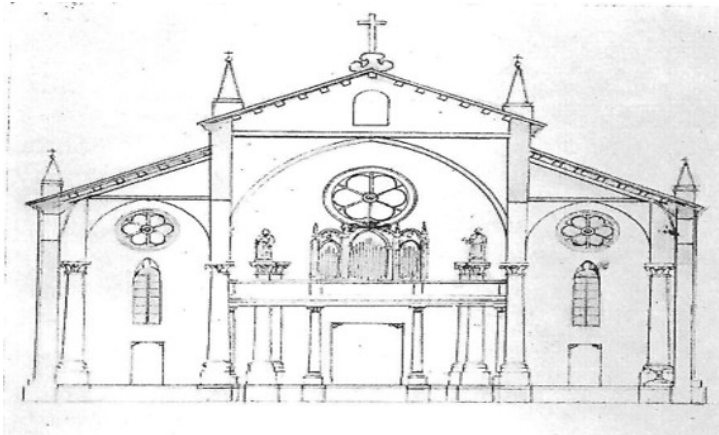
Chiesa di S. Apollinare a Trieste, n. 2.



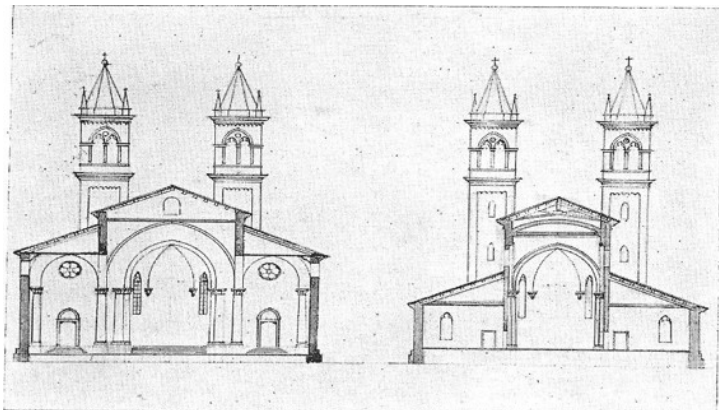
Chiesa con campanile Cardo (Corsica) 1868-1870, n. 7.



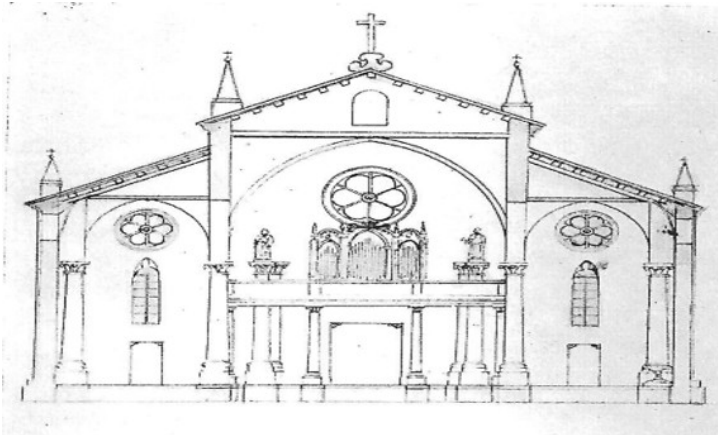
Facciata della Chiesa di Sirok Bryeg (Erzegovina) 1863-1866, n. 15.



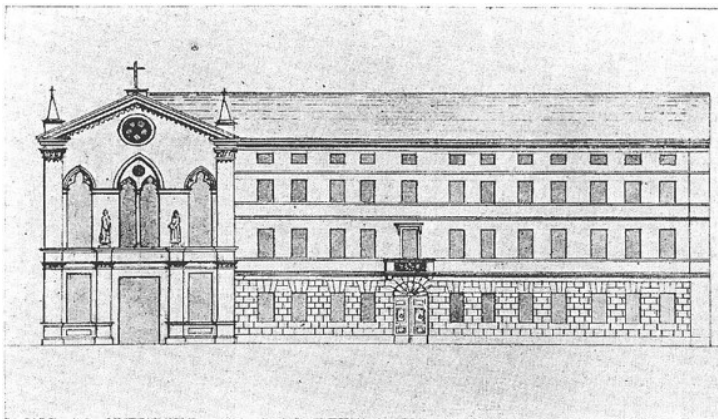
Chiesa del Seminario Vescovile di Capodistria (Facciata), 20A



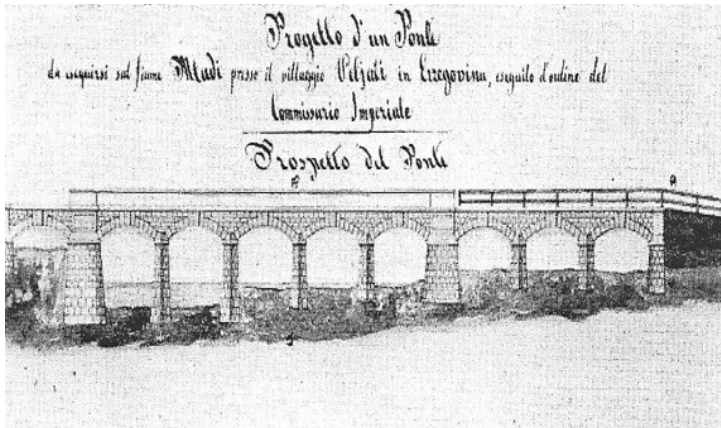
Capodistria (Sezione), n. 20B Capodistria (Sezione), n. 20B.



Chiesa del Seminario Vescovile di Capodistria (Sezione), n. 20C.



Facciata del Seminario Vescovile di Capodistria 1857-1858, n. 21.



Ponte in pietra a sette arcate a Veljaci (Erzegovina) 1865-1866, n.
24

ANEXO II

OBRAS CONSTRUÍDAS A PARTIR DOS PROJETOS DE FRANCISCO MARIA DE VICENZA NO BRASIL DE 1872-1880

1. Grande Tempio di N. S. della Penha in Pernambuco.
2. Riduzione dell'ospedale di S . F r a n c e s c o in Pernambuco.
3. Progetto della nuova Matriz de N. S. a da Cidade do Pilar, provincia des Alagoas, 1873.
4. Progetto di una casa di Una ed un'altra in Escada.
5. Progetto del Collegio Isabel in Pimenteira, Prov. di Pernambuco, 1873. Per conto governativo.
6. Casa gótica a Limoneiro.
7. Progetto della Chiesa Matrice di Sant'Antonio ab. nella città di Vittoria, 1874; l'interno Ionico, l'esterno Dorico.
8. Progetto d'una nuova chiesa di N.a 5.a do Livramento na Villa do Cabo, aperta solennemente nel settembre 1875.
9. Progetto per un'altra chiesa da erigersi dai R R. P. P. Cappuccini Missionari ne l Brasile.
10. Progetto della chiesa Matrice do Curato de Bom-Jardin, costruita nel 1876.



Bozzetto eseguito da Fra Francesco Maria della Chiesa di Nostra Signora della Penha a Pernambuco¹⁰



Imagem da Basílica de 1930 com inssessão da retrato do Frei Francisco Maria de Vicenza

10 Desenho inicial criado pelo Frei Francisco Maria de Vicenza. Igreja de Nossa Senhora da Penha em Pernambuco.



Chiesa Parrocchiale di Bom Jardim - Pernambuco 1875/76, n. 10.

ANEXO III

IMAGENS DA IGREJA DA PENHA RECIFE/PE

Imagem 1



Basílica Nossa Senhora da Penha

Imagem 2



Basílica da Penha e Praça São José

Imagem 3



San Giorgio Maggiore de Andrea Palladio

Imagem 4



Frontões e a cúpula, essa ladeada por singulares torre tipo “minarete” de Andrea Paladio

Imagem 5a



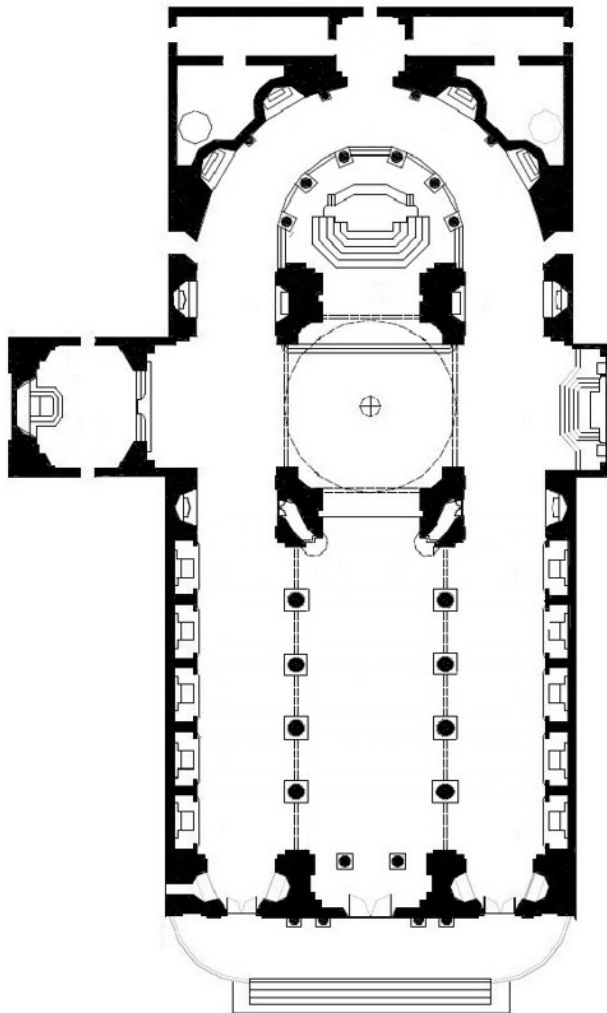
Baixo relevo no pátio do altar mor de autoria de Valentino Besarel

Imagem 5b



Retrato do frade arquiteto Francisco Maria de Vicenza
(primeira figura, segurando o andor com a mão esquerda)

Imagem 6



Planta baixa

Imagem 7



Os Quatro Evangelistas
Afresco de Murillo Lagreca

Imagem 8



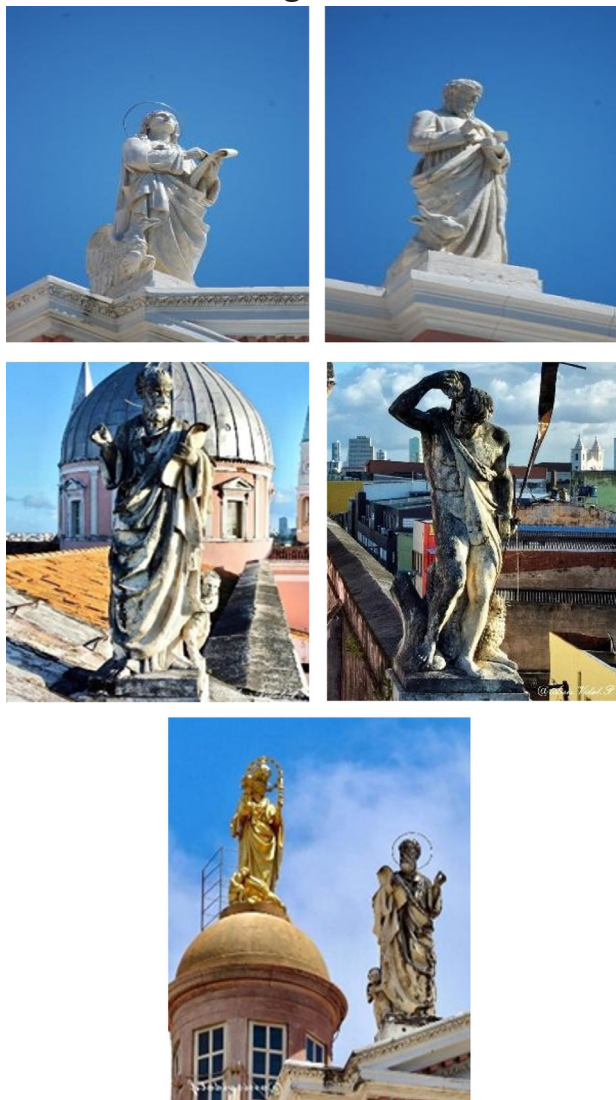
Estátua colossal de Maria pesando 1.600k encimada no zimbório, revestida em folhas de cobre atribuída a Domenico Givanni

Imagem 9



Magestosa cúpula atribui-se a Francisco Maria de Vicenza

Imagem 10



Estátuas decorativas da fachada esculpidas por Antonio Belcaro

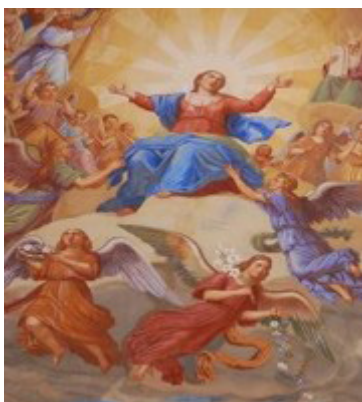
Imagem 11



Cenas Marianas pintadas em “falso” afresco por Agostino Bottazzi

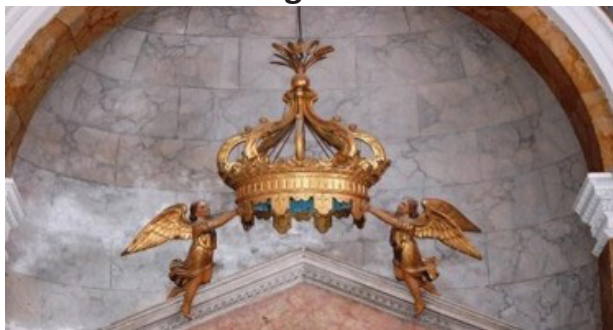


Coroação



Assunção

Imagem 12



Santa Isabel Rainha e uma rica e elegante coroa sustentada pelos anjos de Antônio Zanetti

Imagem 13



Altar Mor remontado na Basílica da Penha por Giuseppe Giorgetti, Squarise e Soave

Imagem 14



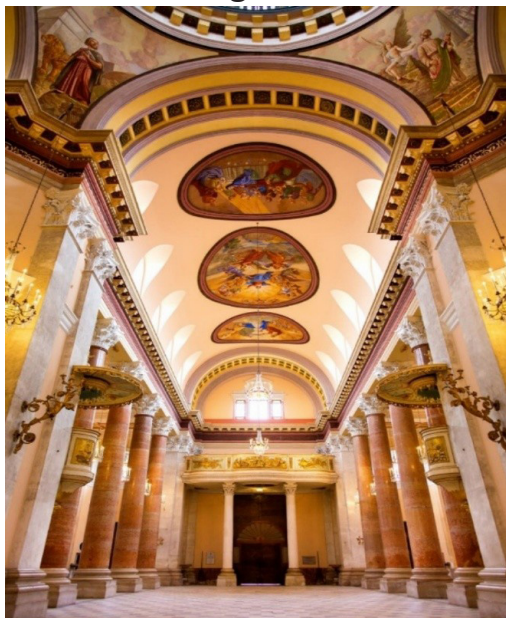
Exposição do Santíssimo Sacramento sobre o Altar Mor
de autoria atribuída a Domenico Givannni

Imagem 15



Jesus entregando as Chaves do Reino de
Pietro Belcaro e Antonio Zanetti

Imagem 16



Cenas Marianas pintadas em “falso” afresco
por Agostino Bottazzi

ANEXO IV

MURILO LA GRECA

BIOGRAFIA

É considerado a grande expressão artística italiana no Nordeste¹¹. O último dos doze filhos de migrantes italianos¹², nascido em Palmares, tinha um atávico sangue italiano, e toda a sua trajetória permaneceu ligada à Itália, à influência dos italianos: desde o Padre Solari, italiano, pintor de cenários no colégio Salesiano do Recife, onde estudava; à exposição de Carlo de Servi, também italiano, no Recife, ao famoso ateliê dos Irmãos Bernadelli¹³, no Rio de Janeiro (1918-1919)¹⁴. Depois, em Roma, onde permanece por sete anos nesse primeiro estágio (1919-1925), percorreu os centros de cultura, dedicando-se ao desenho da figura humana, por quatro anos, no Real Instituto de Belas artes e na Academia *del Nudo*.

11 Assim, referiu-se Roberto Bianchi, Presidente do Comittato degli Italiani all'Estero (Melo, 1999): Il genio pittorico di Murillo La Greca, é a massima espressione artistica ed intellettuale della presenza italiana nel Nord-Est del Brasile.

12 Seus pais vieram ao Brasil por conta de um tio médico, Silvério, que viera para Bahia estudar febre amarela.

13 Os irmãos Bernadelli eram chilenos, filhos de italianos. Henrique era pintor e Rodolfo era escultor

14 Nesse período, conheceu Portinari, Candinho, como o chamava. Foram companheiros de pensão e de ateliê, em Copacabana. Sendo quatro anos mais velho que ele, Murillo, “naturalmente, mais experiente, o acolhi e até dividi os meus aposentos”. Murillo comenta: “saíamos para pintar paisagens, nas praias e na Tijuca, mas ele se desviou, caiu no deformíssimo. Mas nunca lhe neguei talento” (Melo, 1999, p.18).

Volta ao Brasil e mantém intensa vida cultural, exposições. Conquista medalha de prata no Salão Oficial de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1927, com o quadro *Os últimos Fanáticos de Canudos*. Em 1932, foi um dos professores fundadores da Escola de Belas Artes de Pernambuco¹⁵.

Em 1936, casou-se com Silva Luísa, filha de Italianos, e parte para o seu segundo estágio na Itália: na região de Cosenza, pinta grande produção de belas paisagens, sempre na técnica impressionista. Estudou afresco, em Nápoles, sob a direção do Professor Emilio Notte, catedrático de Artes Decorativas na Academia de Belas Artes de Nápoles. De volta ao Brasil, no Recife, em 1942, encontrou parede para aplicar o “vero afresco”, esse difícil processo de técnica utilizada por Michelangelo na Capela Sistina: os quatro pendentives da cúpula central, na Basílica de Nossa Senhora da Penha, dos Frades Capuchinhos italianos, onde pintou “Os Quatro Evangelistas”. O esforço causou-lhe o prejuízo nos pulmões. Faleceu em 1985, em decorrência de pneumonia. Para realizar este sonho, foi criado no mesmo ano de sua morte o Museu Murillo La Greca.

¹⁵ A Escola de Belas artes de Pernambuco passou a incorporar as Escolas da Universidade do Recife (1946), futura Universidade Federal de Pernambuco (1967). Na Faculdade de Medicina, inicia os primeiros estudos da tela *A Primeira Aula de Medicina*, concluída em 1975

ANEXO V

DOMENICO GIVANNI

Sobre Domenico Givanni, talentoso escultor e entalhador de madeira natural da região de Vicenza, não foi possível encontrar uma biografia detalhada nem imagens de obras a ele atribuídas, nem no Vêneto nem em qualquer outro lugar da Itália. No entanto, sabemos que, ainda muito jovem, ele participou da Exposição Nacional Italiana, realizada em Florença em 1861. Essa foi a primeira grande feira do recém-criado Reino da Itália, promovida pelo rei Vittorio Emanuele II e por Quintino Sella, para celebrar a unidade nacional e mostrar à Europa os avanços econômicos, agrícolas e artísticos do país.

Naquela ocasião, Domenico recebeu a Medalha de Bronze; o presidente do júri aproveitou “o voto de desempate para garantir o prêmio ao jovem entalhador, a fim de incentivá-lo a se dedicar com mais coragem aos estudos necessários para se tornar um artista”.

Alguns anos depois, em 1867, em Paris, ele recebeu mais uma medalha, confirmando seu empenho nos estudos e na prática artística. Participou da Exposição Universal de Viena de 1873, apresentando uma moldura entalhada em madeira de nogueira, e esteve entre os artistas presentes na

Exposição Nacional de Arte de 1887, em Veneza.

Seu talento era, sem dúvida, muito valorizado nos círculos artísticos de Vicenza da época, como comprovam as importantes e prestigiadas encomendas que lhe foram confiadas por Frei Francisco Maria.

Sua contribuição como escultor, de fundamental importância, é inegável na decoração da Basílica de Nossa Senhora da Penha.

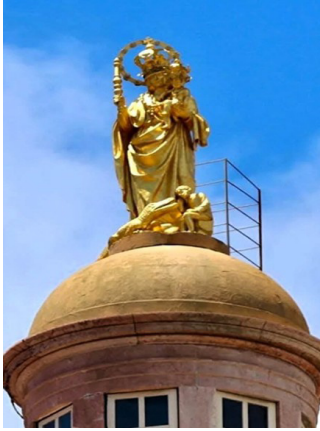
Na correspondência entre nosso capuchinho e seu sobrinho Dani – intermediário entre ele e os artistas em Vicenza –, o nome de Givanni é o que aparece com mais frequência, o que é compreensível, dada a grande quantidade de trabalhos que lhe foram encomendados.

É dele a colossal estátua da Virgem da Penha (com Simão e o crocodilo a seus pés), que se ergue dourada no topo da lanterna da grande cúpula.

Além disso, ele criou várias molduras douradas com motivos de folhagens e flores destinadas aos nichos dos altares, bem como cerca de dez estátuas que adornam esses mesmos nichos e um grande trono com iluminação para as Exposições.

As três esplêndidas portas da fachada também são obra de Domenico Givanni. O trabalho habilidoso e refinado de entalhe e o valor artístico dessas obras levaram, erroneamente, a atribuí-las ao Cav. Besarel.

OBRAS DE ARTE DE DOMENICO GIVANNI



Estátua de 1600.kg na cúpula



Detalhe do portal principal¹⁶



Painel do portal com o casamento da Virgem



Painel de uma das portas laterais a Deposição do Cristo morto

¹⁶ As portas de madeira de pereira são adornadas com decorações requintadas e painéis com cenas históricas que retratam os principais acontecimentos da vida de Maria.

ANEXO VI

GIOVANNI ARMANO

Giovanni Armano, natural da região de Vicenza, foi um escultor e pedreiro que também atuou na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Trabalhou principalmente em sua região natal, realizando decorações esculturais, monumentos comemorativos, lápides e obras funerárias.

Armano representa a figura típica do canteiro e escultor local da época: o artesão que trabalhava principalmente com mármore e pedra local para criar obras encomendadas por famílias abastadas, pelos municípios e pela Igreja.

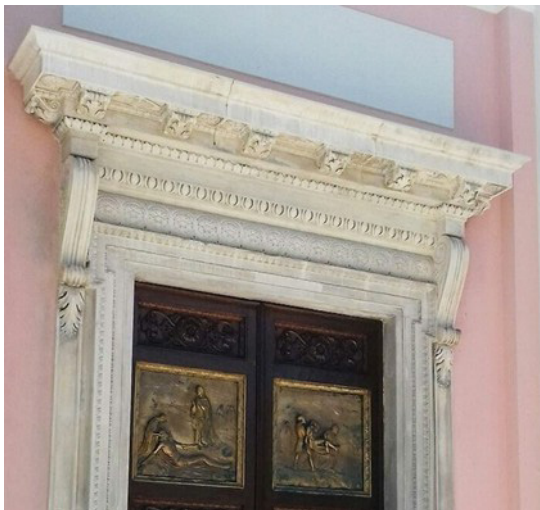
Muitas de suas obras estão hoje cadastradas na Superintendência de Arqueologia, Belas Artes e Paisagem das Províncias de Verona, Rovigo e Vicenza.

Para Nossa Senhora da Penha, Giovanni Armano esculpiu os batentes das três portas da fachada, decorados em baixo-relevo; os capitéis e os pilares encostados à parede de um altar, todos em pedra da Ístria, e um elegante tabernáculo trabalhado com diversas variedades de mármore.

OBRAS DE ARTE DE GIOVANNI ARMANO



Console com decorações em
forma de candelabro



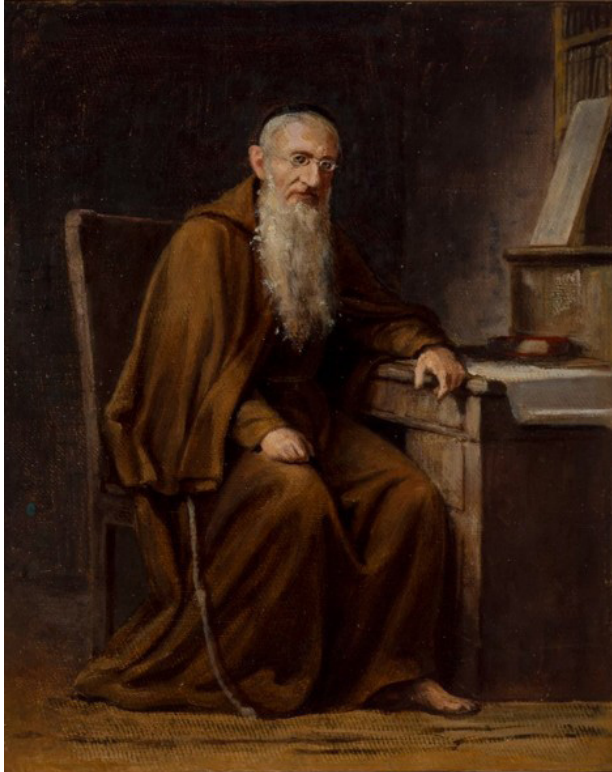
Uma das portas laterais da Basílica de Recife



Tímpano com motivos decorativos grotescos

ANEXO VII

RETRATO FEITO POR AGOSTINO BOTTAZZI¹⁷



Frei Francisco Maria de Vicenza

¹⁷ Agostino Bottazzi veio ao Brasil para pintar os afrescos na Basílica da Penha, mas no ano de 1876 quando Frei Francisco Maria voltou para passar três meses na Itália, encontrou Bottazzi, e provavelmente falou com ele da construção de Recife e Agostino Bottazzi fez o retrato dele. Atualmente o retrato está no Museo de Vicenza, Itália.

DADOS DOS ORGANIZADORES



Dimitrij Zen

Pós-graduação em bioética, ecologia humana, ciência da comunicação e metodologia do ensino pela Universidade de Veneza. Mestrado em Filosofia pela Universidade de Roma. Iniciou os estudos de doutorado em Filosofia pela Universidade de Lisboa, mas teve de se afastar antes de concluir a pesquisa. Foi professor, nos cursos de Pós-graduação em Semiótica e Comunicação na Universidade Anhembí-Morumbi de São Paulo (Laureate International Universities) e de Filosofia e Estética na Faculdade Paulista de Artes (São Paulo). Lecionou Bioética, nos cursos de Pós-graduação da Aprofem (Sindicato dos professores de São Paulo.) e Linguística e Second Language Acquisition para os professores da Prefeitura de São Paulo. Professor da Fecibesp e, além disso, Professor de Língua Italiana Instrumental para fins acadêmicos nas Universidades Anhanguera, Faculdade Claretiano, Faculdade Unisantanna e Faculdade Santa Marcellina de São Paulo. Autor do *Pequeno Manual das Frases Feitas da Língua Italiana* (Hucitec), *Análise do Discurso das Biotecnologias* (Annablume) e *Ensaio de Comunicação Integrada* (Hucitec). Atualmente, Professor

(voluntário) de Língua Italiana na UNICAP/PE.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6256-3346>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2587531776731877>

E-mail: dimitrizen@libero.it



Ermano Rodrigues do Nascimento

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (PPGFIL/UNICAP), desde de 2020. Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO/Portuga). Faz parte da Linha de Pesquisa em *Ética, Fundamentação Moral e Valores Humanos*, com projeto de pesquisa em Bioética: desafios ético-morais na contemporaneidade a partir da concepção de corpo, suas possibilidades e limites existenciais no contexto da medicina e da biomedicina, como também, com o projeto de pesquisa sobre Ética e Bioética: da teoria à prática para a promoção humana como práxis humana a partir das políticas públicas humanísticas na sociedade brasileira, ligado ao projeto guarda-chuva: Pensar, falar e agir: interfaces entre epistemologia, linguagem e éti-

ca – fase II, também como coordenador. Membro do grupo de pesquisa CNPQ: Corpo, Fenomenologia e Genealogia. Sua atuação está relacionada aos temas: filosofia, bioética, ética e sociedade, políticas públicas, cidadania, Estado, democracia e filosofia política. Membro do Comitê de Ética (CEP/UNICAP). Editor Científico da revista *Ágora Filosófica* do PP-GFIL/UNICAP. Avaliador de artigos e Membro da Comissão Científica da Revista *Instante*/UEPB. Avaliador de artigos da Revista *Prometheus*/UFS.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2064-6813>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1006495031500611>

E-mail: ermano.nascimento@unicap.br

